

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

DANILO CRISTIANO BONORA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA
NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE
FLORIANÓPOLIS”**

FLORIANÓPOLIS

2017

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

DANILO CRISTIANO BONORA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA
NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE
FLORIANÓPOLIS”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Desportos e Saúde (CDS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Educação Física

Orientação: Prof. Dr. Jaison José Bassani

Coorientação: Prof. Dr. Vinicius Zeilmann Brasil.

FLORIANÓPOLIS

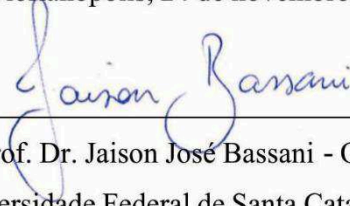
2017

DANILO CRISTIANO BONORA

**POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE
AVENTURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE MUNICIPAL DE
ENSINO DE FLORIANÓPOLIS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciada em Educação Física e aprovado em sua forma final pelo Curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 24 de novembro de 2017



Prof. Dr. Jaison José Bassani - Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof. Ms. Vinicius Zeilmann Brasil - Coorientador
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof. Dr. Verônica Werle - Membro
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof. Ms. Fabrício João Milan - Membro
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof. Ms. Miraira Noal Manfroi - Membro
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

“Evitar o perigo não é,
a longo prazo, tão seguro quanto
expor-se ao perigo.
A vida é uma aventura ousada ou,
então, não é nada.
Helen Keller

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por essa conquista, pois foi uma saga em meio a várias dificuldades e Deus sempre esteve junto, honrando e provendo o melhor. Aos meus Familiares Minha Mãe Elcye Aparecida Bonora com todo seu apoio e confiança, meu Pai de criação João Nogueira Filho a pessoa que me ensinou muitas coisas e que é minha fonte de energia e exemplo, Minha falecida madrinha Idalina Cardoso, a pessoa que mais apostou em mim, minha irmã Stéfany Cristina Bonora, quem tenho muito carinho e que está comigo a todo momento mesmo tanto tempo longe, a minha segunda família Paulo, Ana e Dua, os quais guardo em meu coração.

As pessoas que estiveram diretamente ligadas em todo esse processo de formação, minha querida amiga e colega de trabalho Verônica Werle qual desde de o início me incentivou nessa profissão, dando conselhos e apoiando desde a primeira fase até o TCC, sou muito grato e não consigo expressar com palavras toda sua importância. Minha amiga durante a graduação inteira, Vitória de Lima Claudino, entramos juntos e estamos saindo 6 anos depois juntos, amiga de festas e amiga de anseios, uma outra irmã que Deus colocou no meu caminho. Agradeço a inúmeras outras pessoas que fizeram parte dessa minha história no CDS. Agradeço A Associação Atlética Acadêmica - Ada Carina Maliceski, entidade a qual passei 4 anos desses 6 anos de graduação, com certeza foi o laboratório que mais aprendi durante todo o curso, e estendo também aos meus companheiros de gestões da Atlética onde criei diversas amizades que guardarei para a vida toda em especial Claudio Fontão, Guilherme Dutra, Tatiane Ambrósio, Tayná Iha e Jeni de Jesus.

Agradeço também alguns professores que fizeram a diferença durante toda minha graduação Luciano Lazzaris Fernandes, o qual foi meu mentor no Handebol dentro do CDS e me ajudou a conseguir continuar meus estudos quando tive que escolher o emprego ou a graduação. Professor Jaison José Bassani, desde de a disciplina Educação Física na Infância, me ensinou a como realmente ser um professor bom e dedicado e o qual me orienta no TCC. Edison Roberto de Souza o qual nunca mediu esforços para tentar me ajudar em tudo o que eu precisava durante minha graduação. Professores como Fancisco, Edgard, Vinicius Brasil, Ricardo Pacheco, Cíntia De la Rocha, Cassiano, foram pessoas muito importantes também e que em vários momentos contribuíram imensamente com essa trajetória.

Agradeço tbm ao Sesc que me permitiu estudar e trabalhar, com horários flexíveis e pessoas que apostaram em mim, em especial por ordem de envolvimento Michele, Dani,

Alessandra, Livia colegas de trabalho e Andréia e Claudia minhas gerentes que só tenho a agradecer por terem me dado essa confiança.

RESUMO

O presente estudo trás o relato de uma construção de uma unidade de conteúdo para a formação continuada da Rede Municipal de Florianópolis, organizado pelo núcleo de estudos e pesquisa educação e sociedade contemporânea. Além do relato o estudo tem como objetivos gerais apresentar e refletir sobre o processo de construção e desenvolvimento de uma proposta de ensino de práticas corporais de aventura dentro do Programa de Formação Continuada dos professores da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. A metodologia adotada para esse estudo foi a pesquisa exploratória e a pesquisa documental.

Palavras chaves: Educação Física, Práticas corporais de aventura, Ensino fundamental, Possibilidades.

ABSTRACT

The present study reports the construction of a unit of content for the continuing formation of the Municipal Network of Florianópolis, organized by the core studies and research education and contemporary society, besides the report the study has as general objectives to present and to reflect on the process of construction and development of a proposal of teaching of corporal practices of adventure within the Program of Continuing Education of the teachers of the Municipal Network of Teaching of Florianópolis. The methodology adopted for this study was exploratory research and documentary research.

Keywords: Physical Education, practices Corporeal Adventures, Elementary School, Possibilities

SÚMARIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. OBJETIVOS.....	14
2.1. OBJETIVOS GERAIS	14
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
3. JUSTIFICATIVA.....	15
4. REVISÃO DE LITERATURA	16
4.1. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	16
4.2. PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA	18
4.3. CONTEXTUALIZAÇÃO GERAL DA PROPOSTA CURRICULAR DE FLORIANÓPOLIS	20
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	26
6. RESULTADOS E DISCUSSÕES	28
6.1. A CONSTRUÇÃO DAS UNIDADES DE CONTEÚDO SOBRE PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA.....	28
6.2. PLANEJAMENTO E REALIZAÇÃO DA OFICINA TEÓRICO-PRÁTICA SOBRE AS UNIDADES DE CONTEÚDOS ELABORADAS.....	32
6.3. LIMITES E POSSIBILIDADES DO PLANEJAMENTO DA UNIDADE DE CONTEÚDO E DO DESENVOLVIMENTO DA OFICINA TEÓRICO-PRÁTICA SOBRE PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA.	41
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS	44
ANEXO	1

1. INTRODUÇÃO

As práticas corporais de aventura vêm crescendo e se tornando cada vez mais difundidas nas grandes mídias, devido ao fácil acesso de conteúdo do gênero na internet e redes sociais e também porque alguns atletas brasileiros vêm se destacando nos esportes de aventura, como os exemplos de Gabriel Medina e Adriano “Mineiro” (campeões mundiais de 2014 e 2015 no Surfe) ou Pedro Barros (Skate Bowl), outro fator que pode somar para esse movimento é a discussão gerada para a inclusão do skate, surf e escalada nas olimpíadas de 2020 o que colabora para esse crescimento, difundindo essas práticas para a grande massa e estimulando novos praticantes.

Nota-se que mesmo aparecendo com maior frequência na mídia e aumentando a cada dia o número de praticantes, muitas vezes ouvimos termos diferentes para se referenciar esta prática, e o mesmo ocorre na literatura. Nomes como AFAN - Atividades física de aventura ou na natureza (BETRÁN, 2003), ER - esportes radicais (UVINHA, 2001), EN- Esportes na natureza (DIAS, MELO e JUNIOR, 2007), esportes de ação (BRANDÃO, 2010), AA - atividades de aventura (MARINHO, 1999), PA's - Práticas de aventura (INÁCIO, PERETI, *et al.*, 2005) PCA's – Práticas corporais de aventura (FRANCO, CAVASINI e DARIDO, 2014) e PCAN - Práticas corporais alternativas e na natureza (FLORIANÓPOLIS, 2016), são alguns dos nomes utilizados para definir os esportes ou práticas corporais que envolvem algum risco físico extremo ou moderado. Suas modalidades são variadas, sendo alguns exemplos: *skydiving*, surfe, alpinismo, montanhismo, paraquedismo, asa-delta, parapente, *bungee jump*, *treking*, *mountain bike*, *rafting*, canoagem, rapel, tirolesa, entre outros.

Este variado leque de nomenclaturas denotam uma dificuldade de encontrar a forma de se referir a tais práticas. Muitos autores justificam e apontam a forma que julgam mais interessante de nomeá-las. Porém, não se trata apenas do termo utilizado, mas das concepções que o envolvem. Devemos fazer uma análise um pouco mais ampla, levando em consideração a própria complexidade da modalidade:

Quando pensamos sobre as atividades físicas de risco na sociedade contemporânea, devemos compreendê-las dentro da própria complexidade que o mundo nos apresenta, do contrário corremos o risco de entendê-la de forma segmentada, dicotomizando mais uma vez as concepções de uma Educação Física que ainda tem dificuldade em compreender as relações entre a atividade física, o esporte, o lazer, o jogo, a brincadeira e a educação (PEREIRA, ARMBRUST e PRADO, 2008, p. 4-5).

Essa dificuldade de encontrar um termo para definir tais práticas precisa ser considerada nas pretensões deste estudo, embora, a fim de permitir um entendimento mais coeso, optamos

por adotar o termo Práticas Corporais de Aventura, entendendo que ele contempla todos os tipos de práticas que envolvam o risco controlado e não determina o ambiente em que essa atividade é realizada, além de que ele incorpora aspectos históricos e sociais sobre as práticas, conforme explicitaremos na revisão de literatura. No entanto, adiantamos que:

Além de remeter a um risco controlado e calculado, segundo a perspectiva de Pimentel, 2013, as práticas de aventura se caracterizam por uma interação não usual com o ar, a água e a terra, independentemente de serem realizadas no ambiente que convencionamos chamar de natural ou urbano (WERLE, BONORA e PEREIRA, 2016, p. 2).

Quanto relacionadas ao ambiente natural, entendemos que tais práticas:

[...] compreendem o conjunto de práticas esportivas formais e não formais, vivenciadas em interação com a natureza, a partir de sensações e de emoções, sob condições de incerteza em relação ao meio e de risco calculado. Realizadas em ambientes naturais (ar, água, neve, gelo e terra), como exploração das possibilidades da condição humana, em resposta aos desafios desses ambientes, quer seja em manifestações educacionais, de lazer e de rendimento, sob controle das condições de uso dos equipamentos, da formação (COSTA, MARINHO e PASSOS, 2007, p. s189).

Mais importante que a nomenclatura é preciso destacar o que as práticas corporais de aventura proporcionam para o ser humano seja o a aproximação e relação com a natureza, seja a busca de adrenalina ou apenas o puro prazer e satisfação em prática-las, em suas diferentes facetas, seja ela competitiva, lazer, superação, preservação ambiental, turismo, e em seus mais variados ambientes urbanos, natural, mas principalmente no ambiente escolar, ou seja, como elas podem ser objeto de educação para a Educação Física.

A Educação Física tem uma característica de ser continuamente reinventada, pois novas modalidades, novas práticas, novos conceitos surgem a todo o momento. Conforme indica Parlebás (1987, p. 42), a Educação Física tem “uma proliferação de técnicas, métodos e práticas” e podemos dizer que essa proliferação, conforme dito anteriormente, é potencializada pela internet e principalmente pelas mídias sociais. O Professor de Educação Física por sua vez, deve oportunizar para seus alunos, os mais diversos tipos de experimentações explorando ao máximo seu potencial. Acreditamos que as práticas corporais de aventura oferecem inúmeros benefícios sociais, cognitivos, afetivos e carregam em seu imo uma grande gama de exploração do repertório locomotor, conforme indica Franco et al (2011, p. 2) ao se referir às Atividades Físicas de Aventura (AFA):

Acreditamos que o conhecimento e as vivências das AFA proporcionem aos alunos do Ensino Fundamental sensações e experiências que atinjam a todos

seus aspectos formativos, de maneira que sejam práticas adaptadas à estrutura da escola e que propiciem o convívio com meio ambiente.

A partir de uma transposição didático-pedagógica os professores de educação física podem se apropriar e transformar os conteúdos relativos às práticas de aventura, proporcionar para seus alunos experimentações que contemplem essa demanda, o que não se dá de forma simples, exige de nós uma quebra de paradigma, no sentido de repensar uma Educação Física para além dos códigos do alto rendimento e também para além das quadras, como reflete Pereira e Armbrust (2008, p. 23-24):

O surgimento das atividades de risco como Educação Física traz um novo elemento à discussão; como pensar na prática esportiva fora das quadras, fora de regras de vitória e derrota entre adversários, num esporte baseado na solidariedade dos participantes, como acreditar que o principal objetivo de um jogo possa ser a preservação da natureza? É necessário compreender esse fenômeno dentro da própria complexidade dos tempos atuais.

Nós, professores, acabamos nos deparando com diversos fatores que podem limitar o desenvolvimento destas práticas na escola, desde a falta de conhecimento, até falta de estrutura mínima. O professor muitas vezes, precisa se reinventar por conta própria e esse pode ser mais um fator determinante para essa limitação. Um exemplo que podemos aplicar nesse contexto é sobre nossa formação inicial. Na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a disciplina de “Esportes de Aventura”, foi criada no primeiro semestre de 2008, mas isso não acontece em todas as universidades.

Neste sentido, é interessante o estudo de Portela (2012), o qual teve como objetivo investigar a formação dos docentes para atuarem com o conteúdo de esportes de aventura nas aulas de Educação Física escolar. Essa investigação ocorreu nas redes estaduais de ensino de Florianópolis e São José, com professores atuantes no ensino fundamental, sendo a amostra composta por 44 escolas e 78 professores do município de Florianópolis e 21 escolas e 32 professores de São José, totalizando 65 instituições de ensino e 110 professores. A pesquisa indica, o quão deficitária é a formação nesse sentido, traz os dados em seu estudo que 71,81% dos professores nunca tiveram disciplina que abordasse os esportes de aventura e somente 28,18% afirmaram que tiveram a disciplina na graduação (PORTELA, 2012). O autor complementa ainda que 93,66% dos entrevistados que tiveram a disciplina afirmam que essas disciplinas não os capacitaram para aplicar a referida temática nas suas aulas de Educação Física. Esse estudo traz também questões estruturais, evidenciando que 83,64% dos professores investigados alegaram não ministrar tal conteúdo em suas aulas devido à falta de estrutura nas

escolas e os outros 16,36 % dos professores indicaram que ministram aulas com este conteúdo e salientam que essas práticas são muito bem recebidas pelos alunos.

Embora a disciplina da UFSC tenha sido criada há quase 10 anos, consideramos que ela ainda não possui um conteúdo base suficiente e não conta com um professor específico da área para ministrá-la, de modo a dificultar o desenvolvimento do que sua ementa vislumbra: “classificação e perspectivas de intervenção. Fundamentação básica e vivência prática de diferentes atividades físicas ao ar livre. Prática pedagógica, sob orientação e supervisão docente, compreendendo atividades de observação dirigida ou experiências de ensino” (UFSC, CDS, 2008).

A disciplina recebe diversas críticas dos acadêmicos que a cursam, tanto no sentido de toda a sua potencialidade, quanto no sentido do conteúdo que é ministrado. Sabemos que existe uma dificuldade imposta, é humanamente impossível ministrar todas as possibilidades que as PCA´s nos oferecem, porém poderiam ser estabelecidas parcerias com empresas e profissionais do ramo e criar alternativas que pudessem oferecer para os graduandos uma rica experimentação de diversas atividades que envolvem aventura, tornando assim sua experiência mais rica. Além da disciplina os alunos de Educação Física da UFSC não têm acesso a nenhuma outra modalidade ou práticas pedagógicas de aventura oferecida pelo Centro de Desportos (CDS), tornando a formação deficitária e exigindo do graduando buscar conhecimentos além dos muros da universidade, para complementar sua formação, de modo a aperfeiçoá-la. Conforme cita (SANTOS *et al.*, 2015) “observa-se que muitos cursos sequer oferecem uma disciplina relacionada às atividades de aventura, sendo a falta de profissionais qualificados, ou seja, professores universitários para ministrá-la, um dos prováveis motivos para essa situação”.

Outro aspecto que devemos nos atentar são os poucos materiais científicos com essa temática, apesar da atual evolução na quantidade desses estudos. Conforme indica Marinho e Inácio (2007, p.6) “nos últimos anos, intensificaram-se estudos e intervenções sobre a temática das atividades de aventura na natureza, munindo-nos de ferramentas para melhor compreensão do fenômeno.” Apesar disso, estudos que abordam especificamente sobre possibilidades pedagógicas, indicando adaptações de instrumentos para a adequação ao ambiente escolar, ainda estão em falta. Mediante essa visível defasagem, este trabalho irá apresentar e refletir sobre algumas proposições pedagógicas a partir da experiência da elaboração de uma Unidade de Ensino com este conteúdo e o desenvolvimento de uma oficina ministrada para os professores da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Estas atividades são fruto da parceria do Núcleo de Estudos e Educação Sociedade Contemporânea com a Prefeitura

Municipal de Florianópolis na forma de assessoramento, capacitações, discussões e formações continuadas para a referida Rede.

Sabe-se que um dos primeiros passos para a inclusão das PCA's na EF escolar é o amparo legal, diante dessa realidade, precisamos entender o que as leis e diretrizes dizem sobre tal modalidade, como indicam que seja o trabalho e quais as sustentações metodológicas que trazem para os professores. No entanto, antes precisamos entender a diferença entre Leis, Diretrizes e Parâmetros. As leis, regulam, indicam direitos e principalmente deveres a serem aplicados na educação, não se pode fazer nada a menos do que indicado na Lei. As Diretrizes são indicações, apontamentos e instruções procedimentais. Quanto aos parâmetros, o “objetivo é auxiliá-lo na execução de seu trabalho, compartilhando seu esforço diário de fazer com que as crianças dominem os conhecimentos de que necessitam para crescerem como cidadãos plenamente reconhecidos e conscientes de seu papel em nossa sociedade” (BRASIL, 1997).

O quadro abaixo, mostra quais documentos existem e falam sobre Educação Física: LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, DCN - Diretrizes Curriculares Nacionais, BNCC - Base Nacional Comum Curricular, PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais e a PCMF- Proposta Curricular Municipal de Florianópolis. Em cor escura (BNCC e PCMF) são destacados os documentos que abordam as PCA's e que trazem alguma indicação de sua existência como parte integrante do currículo.

LDB	DCN	BNCC	PCN	PCMF
• 1996	• 2013	• 2016	• 1997	• 2017

BNCC- Base Nacional Comum Curricular, trata esporte de aventura como práticas corporais de aventura e indica que esse conteúdo deve ser dado como experimentação aos alunos e que tenha que ser dada prioridade a segurança. Segundo o documento:

Práticas corporais de aventura, exploram-se expressões e formas de experimentação corporal centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage

com um ambiente desafiador. Algumas dessas práticas costumam receber outras denominações, como esportes de risco, esportes alternativos e esportes extremos. Assim como as demais práticas, elas são objeto também de diferentes classificações, conforme o critério que se utilize. Neste documento, optou-se por diferenciá-las com base no ambiente de que necessitam para ser realizadas: na natureza e urbanas. As práticas de aventura na natureza se caracterizam por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante na geração da vertigem e do risco controlado, como em corrida orientada, corrida de aventura, corridas de mountain bike, rapel, tirolesa, arvorismo etc. Já as práticas de aventura urbanas exploram a “paisagem de cimento” para produzir essas condições (vertigem e risco controlado) durante a prática de parkour, skate, patins, bike etc BRASIL, 2016, p. 6).

A PCMF - Proposta Curricular Municipal de Florianópolis, em sua versão de 2009 com a consultoria de João Batista Freire e colaboração do NEPEF- Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física da UFSC, aponta que o conteúdo organizado como proposta curricular, possui um caráter limitador. “Um currículo inclui um documento escrito, supõe fundamentações teóricas consistentes, propõe uma linha de conduta, mas não se reduz a isso” (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 12) e atento ao que impactaria na escola como um todo continua: “E, por seu reducionismo, com mais frequência do que se gostaria que ocorresse, os currículos calam a fala dos (as) professores(as) e alunos(as).” (FLORIANÓPOLIS, 2009, p. 12).

Entendemos que a forma como foi concebida essa proposta, talvez traga consigo mais reflexões que propriamente esclarecimentos e procura dar liberdade aos professores e talvez ser uma tentativa de cativar um processo de construção dos saberes.

Cortella (2006) afirma que o Prof. Darcy Ribeiro já alertava quanto aos objetivos dos currículos no país. O currículo tradicional, para ele, era uma trama bem-sucedida para excluir de oportunidades de conhecer a realidade, as maiorias desprivilegiadas deste país. Mas, aparentemente, os currículos são inocentes, democráticos, iguais para todo mundo. E não se está referindo a esta ou àquela proposta curricular, neste ou naquele município brasileiro, mas sim, de currículo de uma forma ampla, uma orientação geral para todo o território brasileiro, que pode ser estendida ao entendimento de educação em boa parte do mundo (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 12).

A versão de 2009, do documento citado acima não indicava nada sobre as PCA's ou qualquer outro termo relacionado às práticas corporais de aventura. Já a versão de 2017 da Proposta, indica os objetos da Educação Física no ensino fundamental e traz o termo práticas corporais alternativas e na natureza:

Desse modo, as manifestações da cultura corporal de movimento que seriam objeto da Educação Física no Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis seriam: brincadeiras, jogos, danças, práticas corporais

rítmicas, lutas, esportes, ginásticas e práticas corporais alternativas e na natureza (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 29).

Apesar de não ter recomendações específicas sobre o modo como as PCA's poderiam ser abordadas nas aulas de educação física, nem quais são os conhecimentos necessários para que o professor de educação física pudesse propor com segurança e propriedade esse conteúdo em suas aulas, há, no documento, uma série de indicações teóricas, metodológicas e didáticas gerais que conformam uma concepção de educação física escolar, baseada na noção de cultura corporal de movimento. Também há uma sugestão de organização e sistematização do conteúdo, entre os quais estão incluídas as práticas corporais de aventura, na condição de objetos de conhecimento e, ainda, a organização do conteúdo em eixos, são eles: 1º - ampliação das possibilidades de movimento dos seres humanos, 2º - conhecimento das manifestações sistematizadas da cultura corporal de movimento e 3º - compreensão das estruturas e representações sociais que atravessam o universo das manifestações da cultura corporal de movimento e através de dimensões técnica (saber-fazer), conceitual (saber-sobre), estética (saber-apreciar-e-fruir) e ética (saber-de-si-e-do-outro) dos conteúdos deste componente curricular. (FLORIANÓPOLIS, 2017).

Considerando esses elementos gerais bem como minha inserção em uma atividade do Núcleo - responsável pela organização e desenvolvimento da formação continuada de professores de educação física da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RMEF) - participei na condição de voluntário da organização e realização de uma oficina teórico-prática destinada aos professores de educação física cujo objetivo foi propor elementos para a reflexão e adaptação prática das práticas corporais de aventura ao ambiente escolar.

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVOS GERAIS

Apresentar e refletir sobre o processo de construção e desenvolvimento de uma proposta de ensino de práticas corporais de aventura dentro do Programa de Formação Continuada dos professores da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Apresentar a construção de uma unidade de conteúdo sobre as práticas corporais de aventura para o Ensino Fundamental, considerando as orientações teórico-metodológicas da Proposta Curricular da Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

Descrever a realização da oficina teórico-prática sobre práticas corporais de aventura direcionadas a professores de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

Identificar limites e possibilidades do planejamento da unidade de conteúdo e desenvolvimento da oficina teórico-prática sobre práticas corporais de aventura.

3. JUSTIFICATIVA

Além dos aspectos apresentados, também justificamos este trabalho relatando um pouco sobre a minha¹ trajetória profissional e minhas experiências de lazer com as práticas corporais de aventura. Sempre fui um apaixonado por “adrenalina” e amante das atividades de aventura. Em 2010 iniciei minhas atividades profissionais no Hotel SESC Cacupé, como assistente de atividade, e sempre busquei direcionar meu trabalho na instituição para a prática de aventura. Em 2012 iniciei o curso de Educação Física na UFSC e novamente fui tentando me envolver com estas práticas.

No SESC fiz capacitações de corrida de orientação e canoagem oceânica, me possibilitando implantar, juntamente com meus colegas de trabalho, a canoagem na Unidade de Cacupé. Neste local, trabalhei diretamente como instrutor de canoagem por 3 anos e pude estabelecer parcerias, como por exemplo, o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMbio para aproximar a educação ambiental da prática da canoagem, trabalhar a conscientização ambiental e ajudar de uma forma bem singela a preservação da orla de Cacupé.

Logo após me desligar do SESC para me dedicar a graduação, procurei me envolver em tudo o que a Universidade fornecia correlacionado aos esportes ou práticas de aventura. Como ainda somos carentes desse conteúdo na UFSC, procurei buscar mais aprendizado com os próprios guias e instrutores profissionais passando a trabalhar por duas temporadas em Santo Amaro da Imperatriz na empresa Apuama Rafting, local onde conheci diversas modalidades, como rafting, canionismo e rapel. Foi neste momento que tomei gosto pelas modalidades e comecei uma grande saga de estudos, e fiz o curso de NR35 (trabalho em altura pelo SENAI-SC) com o intuito de aperfeiçoar e transferir alguns aprendizados do alpinismo industrial para o rapel.

Na UFSC fui monitor da disciplina Esportes de Aventura e fiz meu Estágio II na Educação Infantil com o tema esporte de aventura, realizando um trabalho em conjunto com meu amigo

¹ Algumas partes do trabalho são redigidas na primeira pessoa do singular devido ao caráter pessoal das informações. (todas podem ser redigidas > se quiser > eu gosto)

e companheiro de estágio Felipe Pessoa com supervisão do Prof. e orientador Jaison José Bassani. Ao final do meu estágio fui convidado pelo professor Jaison José Bassani a participar de um grupo que faria intervenções temáticas para professores da Rede Municipal de Florianópolis, onde eu contribuiria com um grupo composto por Verônica Werle (Doutora em Educação Física e amiga) e Júlio Gabriel de Sá Pereira (Mestre em Serviço Social e praticante do skate). Construímos o planejamento de nossa intervenção com o tema de práticas corporais de aventura - experiências com cordas e pranchas.

E hoje volto meu estudo do TCC para esse tema, querendo colaborar um pouco mais para a literatura já existente. Além disso, entendemos que as práticas de aventura compreendem a cultura corporal, mas muitas vezes são praticadas e ensinadas unicamente a partir de experiências empíricas, de forma não acadêmica. Este estudo não visa julgar tais procedimentos, mas sim trazer um olhar de quem já vivenciou os dois lados (empírico e acadêmico) e tentar dialogar com as duas fontes para conseguir construir experiências pedagógicas mais completas.

Entendo que esse estudo possa trazer indagações sobre os PCA's e além disso possa trazer algumas reais possibilidades de aplicações, auxiliando leitores que atuam ministrando aulas com o tema aventura, bem como apresentar aos leitores a relação entre estágio, extensão e Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Ainda, talvez possamos incentivar novos praticantes dessas modalidades e estimular mais professores a desenvolvê-las.

Os trabalhos, estudos e pesquisas que tratam sobre as práticas corporais de aventura para dentro da escola, ainda são raros, principalmente no que se refere ao objetivo deste trabalho, que é pensar a sistematização destas práticas. No ambiente escolar, esse estudo no mínimo traz referências onde os professores possam se munir para montar suas aulas com o tema de PCA's e transferir experiências aqui relatadas para suas realidades.

4. REVISÃO DE LITERATURA

4.1. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A Educação física tem tentado se estabelecer a décadas, se estabelecer como disciplina, se estabelecer como conteúdo e não mais como atividade complementar ou com o caráter ocupacional. A Educação Física nesse processo todo, passou por diversas mutações se assim podemos definir, ela foi (é) concebida como um conhecimento médico-biológico, orientada pela ideia de que sua função principal era a promoção da saúde. Conforme indica também González e Fensterseifer, 2009, a partir da metade do século passado, a EF estabeleceu uma

relação simbiótica com o esporte, por meio da qual esse fenômeno, em sua forma institucionalizada, acabou sendo praticamente hegemônico nas aulas de EF.

Essa “tradição legitimadora” atribuía à Educação Física a função de promover práticas de exercitação física por meio das quais se poderia, entre outras finalidades, constituir o caráter, produzir bons hábitos e aprender a empregar adequadamente o tempo livre, preparar para o trabalho, fortalecer a saúde, ampliar a *performance* esportiva, recuperar psicofisiologicamente para as atividades escolares supostamente mais importantes, distender as tensões geradas pelas atividades de aprendizagem na sala de aula (recrear), desenvolver habilidades escolares futuras etc (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 129-130).

A crítica sobre esse período da Educação Física é legítimo e devemos pensar sobre ele, não podemos anular que a EF tem um papel importante em desenvolver o indivíduo do ponto de vista biológico, porém a EF é bem mais do que isso, ela deve olhar por diversos vértices, tentando ao máximo transmitir a herança cultural e científica, criada pela humanidade.

A partir de 1980 o movimento chamado *renovador*, passou a refletir e transformar diversas questões sobre a Educação Física escolar, e defendeu que a Educação Física estava na hora de se tornar, verdadeiramente, uma área do conhecimento, com suas características específicas e conforme indica o texto de (GONZÁLEZ e FENSTERSEIFER, 2009) defendeu também que uma das ações necessárias para transformar a EF seria “elevá-la” à condição de disciplina escolar.

Mesmo após a Educação Física se estabelecer como disciplina e não mais como apenas uma atividade, no início da década de 80, ainda existem resquícios de uma história marcada por concepções arcaicas que rondam as aulas de Educação Física até os dias de hoje e para constatar isso, basta realizarmos uma visita até um colégio onde as possibilidades são reduzidas e os recursos precários, onde muitas vezes por mais que o professor tente novas propostas, sempre voltamos a hegemonia dos esportes em especial o futebol ou futsal e vôlei. “A tal ponto de, no senso comum, ser plenamente possível confundir EF escolar com prática esportiva” (GONZÁLEZ e FENSTERSEIFER, 2009, p. 10).

Esse movimento renovador propõe a mudança da Educação Física trazendo “questionamentos teóricos-pedagógicos” quanto nossa área de formação, questões essas apontadas no estudo de (GONZÁLEZ e FENSTERSEIFER, 2009, p. 11) “Por que esta disciplina deve compor o currículo da escola? Quais são seus objetivos? Quais são seus conteúdos? Como são sistematizados os conteúdos ao longo dos diferentes níveis de ensino? Como esses conteúdos devem ser ensinados? Como avaliar seu ensino? Questionamentos como esses devem servir de base, para que os professores da área construam seus planejamentos

criticamente, visando continuar com ampliação do campo da Educação Física, ampliação essa não nos referindo a grandeza e sim a possibilidades, sendo exemplo as práticas corporais de aventura.

Com essa ressignificação da área é gerada outra demanda, a de pensar o espaço da EF fora das quatro linhas considerando que o “tema não se esgota na quadra ou no pátio, então é preciso tratá-lo em dimensões que desafiam a Educação Física como disciplina do conhecimento e não como atividade complementar ou como mera ocupação do tempo” (ALBINO et al., 2008, p.146). O professor que ignora um determinado assunto ou tema, dando preferência para alguns, está indiretamente, criando uma cultura social, onde talvez ele nem saiba a influência que está causando.

4.2. PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA

Na literatura o termo Práticas Corporais é recente e já demonstra seu potencial de expansão, de possibilidades, logo no início de sua criação e vem crescendo mais e mais o número de pessoas que utilizam desse termo para definir um repertório formas de utilização do corpo humano. Até os dias de hoje a Educação Física ainda não se consolidou de forma efetiva, a ponto de ter seus próprios termos e conceitos estabelecidos pela e para a educação física, essa dificuldade é indicada em estudos que demonstram diversas influências que a Educação Física herda em seu processo histórico:

Encontra-se um dilema central da Educação Física com campo acadêmico que estabelece relação tanto com as áreas mais “duras” (ciências biológicas) quanto com as áreas mais “moles” (ciências humanas). De um lado, exigindo uma conceituação mais rigorosa nos termos de tesouros e descritores e do outro, ampliando seus sentidos e possibilidades de constituição de objetos de pesquisa (LAZZAROTTI et al, 2010, p.16).

Essa ausência de identidade, pode ser resultado da jovem área do conhecimento chamada Educação Física, conforme Lazzarotti et al (2010). Segundo os autores a Educação Física iniciou sua pós-graduação a nível de mestrado somente em 1977 e em 1989 o seu doutorado. Outra questão levantada no estudo é sobre o enquadramento na área 21 da capes no campo da saúde. Será que este é um problema? São questões para as quais não temos uma resposta, porém cabe uma reflexão sobre esses apontamentos.

O academicismo exige que a Educação Física estabeleça uma linguagem mais técnica. Como indica Lazzarotti et al (2010, p.15):

[...] o conceito é fundamental; é a unidade de conhecimento que surge pela síntese dos predicados necessários e relacionados com determinado objeto e que, por meio de sinais linguísticos, pode ser

comunicado aos demais, o que exige que a linguagem especializada tenha maior precisão do que aquela do senso comum.

O termo “práticas corporais” conforme cita Lazzarotti et al (2010) aparece pela primeira vez em 1995 e é de autoria de Fraga(1995). A partir de 1996 a comunidade acadêmica passa a utilizar esse termo e cada vez mais vem crescendo o número de publicações sobre o tema.

Ao verificar o ano de publicação dos textos recuperados, identificamos que 86% situam-se entre os anos 2000 e 2008 e 14% entre 1990 e 1999, mostrando-nos, com as devidas ressalvas, que o termo vem sendo utilizado com maior frequência e ganhando maior relevância acadêmica com o passar dos anos (LAZZAROTTI et al, 2010, p.16).

O estudo de Lazzarotti et al (2010) aponta ainda que, nesse mesmo período 67% das publicações com esse termo são publicações da área da Educação Física, representando assim a área do conhecimento que mais usa o termo “Práticas Corporais”. Mas afinal o que são práticas corporais? Autores conceituam ou organizam as práticas corporais em duas perspectivas a primeira inclinada para a cultura corporal onde inclui esporte, atividade física, exercício físico, jogo e dança. Já na segunda perspectiva relacionam as manifestações mais genéricas como gestos e atividades cotidianas como serviços domésticos, trabalho e etc.

O termo foi criado como uma forma de crítica às demais nomenclaturas como exercício físico, atividade física, pois remete algo mais amplo que o movimento pelo movimento ou o movimento pela ótica da biomecânica e do gasto energético. Práticas corporais englobam sua concepção histórico e cultural como cita Lazzarotti et al (2010, p.22) “ [...] o termo práticas corporais[...] enfatizam também a preocupação em incorporar aspectos subjetivos, como os sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos e pela cultura ao movimento corporal humano”.

Após explicarmos o conceito de práticas corporais, partimos para o entendimento de aventura. Afinal como podemos definir aventura? Uma busca pelo desafio, superação de limites, passar por situações que produzam adrenalina? Todas essas opções são válidas, porém precisamos ir mais a fundo para entender o conceito. Segundo o dicionário Michaelis a palavra aventura significa: 1- acontecimento imprevisto; incidente, 2- ação ou empresa arriscada, 3- conquista amorosa que geralmente se revela passageira; caso, flerte. A origem da palavra aventura vem do latim, “adventura” que dizer “o que está por vir”, com o sentido de desconhecido, imprevisível, (Ferreira,1989).

Marinho et al (2007) também fazem uma análise da literatura existente até 2007 e propõe duas novas conceituações, a primeira sobre “esportes de aventura” e outra, sobre “esportes radicais”, em relação ao primeiro comenta:

compreendem o conjunto de práticas esportivas formais e não formais, vivenciadas em interação com a natureza, a partir de sensações e de emoções, sob condições de incerteza em relação ao meio e de risco calculado. Realizadas em ambientes naturais (ar, água, neve, gelo e terra), como exploração das possibilidades da condição humana, em resposta aos desafios desses ambientes, quer seja em manifestações educacionais, de lazer e de rendimento, sob controle das condições de uso dos equipamentos, da formação de recursos humanos e comprometidas com a sustentabilidade socioambiental. (COSTA, MARINHO e PASSOS, 2007, p. S189)

E, outra, para esportes radicais:

compreendem o conjunto de práticas esportivas formais e não formais, vivenciadas a partir de sensações e de emoções, sob condições de risco calculado. Realizadas em manobras arrojadas e controladas, como superação de habilidades de desafio extremo. Desenvolvidas em ambientes controlados, podendo ser artificiais, quer seja em manifestações educacionais, de lazer e de rendimento, sob controle das condições de uso dos equipamentos, da formação de recursos humanos e comprometidas com a sustentabilidade socioambiental. (COSTA, MARINHO e PASSOS, 2007, p. S189).

Partindo do conceito de aventura o que são práticas corporais de aventura? Como indicado na introdução desse estudo, existem diversas terminologias para se referir a modalidades do movimento humano que envolvam risco, porém a terminologia que identificamos a mais ampla e que consegue contemplar os esportes, as práticas livres (sem regras), em diversos tipos de ambiente seja ele urbano ou natural, são as práticas corporais de aventura ou as PCA's. Sobre as Práticas corporais de aventura, o termo adotado nesse trabalho, trazemos Inácio, *et al.*, 2005, o qual é referência nesse termo. O autor explica porque escolheu esse termo, falando de ampliação de concepções.

Decidimos utilizar a expressão Práticas Corporais ao invés de atividade física, porque esta última nos remete a uma compreensão restrita de humano, limitada a uma concepção biologicista; enquanto a primeira possibilita um entendimento mais ampliado das múltiplas dimensões humanas. (INÁCIO, PERETI, *et al.*, 2005, p. 69)

Pimentel (2013, p.688) também colabora com a ideia que “embora a aventura, como experiência subjetiva da busca de emoções frente ao inusitado, talvez seja uma constante antropológica, é na contemporaneidade que se experimenta uma diversificação de atividades de aventura, na perspectiva do lazer”.

4.3. CONTEXTUALIZAÇÃO GERAL DA PROPOSTA CURRICULAR DE FLORIANÓPOLIS

A nova Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis 2016 foi elaborada para auxílio dos professores da rede, instrumento no qual podem encontrar um

amparo para desenvolvimento do seu trabalho, “tendo como pontos basilares a sistematização e a reflexão acerca das interligações possíveis entre os conhecimentos cotidianos e os conhecimentos das ciências, das artes, da filosofia da ética e afins”. (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 11)

Necessitamos, a todo momento, nos atualizarmos e esses documentos não são diferentes, as demandas de hoje já estão bem diferentes das de 2008 (ano da publicação da última edição da proposta). A proposta de 2016, vem então para essa para atualização levando principalmente em conta reflexões, avanços científicos, tecnológicos e transformações na dinâmica social, conforme vemos a seguir:

Esta Proposta Curricular visa a suscitar reflexões sobre os novos desafios resultantes de avanços científicos e tecnológicos e das transformações na dinâmica social. Desafios estes que integram o cotidiano do funcionamento da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RMEF) e refletem em mudanças nas legislações e nos documentos orientadores da configuração escolar, da mesma forma que suscitam alterações nas metas definidas nos Planos Nacionais e Municipais para a Educação Básica. (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 11)

A Secretária Municipal de Educação de Florianópolis (SMEF), juntamente com a Diretoria de Ensino Fundamental (DEF), criou em 2015 uma comissão com a missão de realizar essa atualização, comissão essa denominada de Grupo de Trabalho (GT), “composto por consultores, assessores da SMEF e diretores/as convidados/as”. (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 11), O DEF, promoveu inicialmente um encontro com professores, para apresentar a proposta em construção e procurar trazê-los para participar do projeto, dando contribuições, procurando assim fazer um trabalho o mais próximo possível da realidade.

O segundo momento desse processo, foi deixar o texto inicial disponível em ambiente virtual, para que os professores pudessem ter acesso e contribuir com ideias e “coletar considerações dos/das participantes sobre as reflexões nele expressas, visando aprimorá-lo” (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 11). Participaram do processo Membros do colegiado da SME e do Conselho Municipal de Educação. Esse retorno que os professores participantes deram, foram todos analisados e tinham diversas sugestões de concepções filosófico-epistemológicas e teórico-metodológicas, porém:

Este documento atenta, pois, para essas especificidades de ancoragem, mas o faz sob a lógica de três movimentos também específicos: (i) busca por manutenção da filiação histórico cultural e de abordagens críticas em educação que caracterizam a história da Rede e que têm como propósito uma

formação humana para a emancipação; (ii) atenção a desafios atuais que são contemplados por abordagens pós-críticas em educação e por alguns de seus referenciais correlatos, o que diz respeito especialmente às discussões sobre diferença, inclusão, educação quilombola e ensino religioso; e (iii) enfoque na pesquisa como princípio educativo, especificamente no campo da Educação de Jovens e Adultos. (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 14)

Após apresentar a lógica dos 3 movimentos, a proposta traz uma observação que em 2015 foram criadas as Diretrizes Curriculares para a Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, documento esse que norteia a proposta. A proposta é organizada em duas partes, onde

(i) Na primeira, são explicitados os pressupostos e os princípios educacionais estabelecidos pela Rede, objetivando a consolidação de um currículo que promova a formação humana integral em busca da emancipação dos/das estudantes. Para tanto, é feito um resgate histórico do percurso de construção curricular da Rede Municipal e são debatidos temas como: conhecimento, ensino e aprendizagem, gestão democrática e constituição dos projetos político-pedagógicos das unidades educativas, Educação Inclusiva e diferenças na escola, formação integral, tecnologias no contexto educacional e na inclusão social, formação continuada dos/das profissionais da educação da Rede e, por fim, o processo avaliativo. (ii) Na segunda parte, encontram-se as discussões referentes à organização do Ensino Fundamental e às modalidades Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial. Discorre-se sobre o Ensino Fundamental de nove anos, tematizando a imersão nas diferentes manifestações da cultura como eixo transversal do currículo. Em seguida, cada Área do Conhecimento e seus respectivos Componentes Curriculares são apresentados de forma contextualizada: concepções, eixos e conceitos, objetivos por ano de escolaridade e desafios da prática pedagógica. (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 14)

A Educação Física escolar vem tentando construir e sua legitimidade no ambiente escolar conforme prevê a LDB, BRASIL (2017) “§ 3º A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação infantil e do ensino fundamental”.

Em sua concepção no contexto escolar a Educação Física foi idealizada como atividade complementar e com um pensamento mais voltado para questões de saúde, como aponta (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 129) “sustentada no conhecimento médico-biológico e orientada pela ideia de que sua função principal era a promoção da saúde.” Essa quebra de paradigmas é um grande desafio, pois o profissional que consegue se emancipar de tal pensamento sem esquece-lo consegue condensar o conteúdo e promover uma Educação Física completa e moderna.

Na nova Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis 2016, a disciplina Educação Física é dividida em 7 tópicos e são eles: Desafios para o Componente Curricular de Educação Física; Desafios específicos do Componente Curricular de Educação Física; Desafios interdisciplinares do Componente Curricular de Educação Física; Desafios didáticos do Componente Curricular de Educação Física; Considerações sobre práticas no Componente Curricular de Educação Física (Planejamento, metodologia e avaliação); Eixos e conceitos relativos ao Componente Curricular de Educação Física; Objetivos do Componente Curricular de Educação Física por Ano Escolar

No primeiro tópico “Desafios para o Componente Curricular de Educação Física”, o movimento humano é tratado como uma forma de linguagem que traz consigo uma herança cultural e características regionais, onde no passado os movimentos básicos motores, eram para garantir a sobrevivência do ser humano, hoje são utilizados e ressignificados como competições, manifestações culturais e práticas de lazer e bem-estar.

Os corpos em movimento não podem ser compreendidos apenas em sua dimensão motriz ou anátomo-fisiológica, pois expressam sentidos construídos e partilhados socialmente em um dado contexto histórico, o movimento humano passa a ser entendido como uma forma de expressão cultural. (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 131)

Tentando estabelecer essa visão mais abrangente da Educação Física, a PCMF esbarra em alguns desafios e que são provenientes da Base Nacional Curricular Comum, desafios curriculares, desafio interdisciplinar e desafio didático.

Desafios curriculares: explicitar e organizar os conhecimentos pelos quais o Componente Curricular é responsável, bem como formular progressões com maior grau de complexidade e maior densidade crítica no decorrer dos anos escolares; desafios interdisciplinares: possibilitar o diálogo com os conhecimentos produzidos/trabalhados nas demais áreas e componentes curriculares; desafios didáticos: elaborar estratégias para ensinar e avaliar os conteúdos em uma perspectiva coerente aos propósitos da Educação Física como componente da área das Linguagens. (BRASIL, 2015, p. 96)

Os 2 Desafios específicos do Componente Curricular de Educação Física, partem de um raciocínio em que consideram fundamental 2 exigências, a) alargamento das vivências das práticas corporais sistematizadas e b) a necessidade de conhecer corporal e conceitualmente as abordagens para tal estudo.

Essa ideia está fundamentada no pressuposto de que cada uma das manifestações que compõem esse universo da cultura proporciona às crianças, adolescentes, adultos e idosos que afluem aos nossos ambientes educacionais,

o acesso a uma dimensão de conhecimento e de experiência que não lhes seria proporcionado de outro modo e nem em outras instituições sociais, como clubes e escolinhas esportivas, academias, projetos sociais, entre outras. (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 132)

Sobre os Desafios interdisciplinares do Componente Curricular de Educação Física, trata-se da comunicação com outras disciplinas das diferentes áreas do conhecimento. Essa comunicação pode ser na aula propriamente dita ou em realizações de trabalhos em conjunto. Mas não é suficiente somente estabelecer essa relação a nível de professores e diretores, a proposta indica que temos que caminhar em direção a políticas públicas, para que essa interdisciplinaridade seja efetiva, “de modo sistemático e constante” (FLORIANÓPOLIS, 2016).

A educação física não pode se restringir a oferecer aos alunos a prática de atividades físicas e sim propor conhecimentos necessários para o ser humano na atualidade e que não se limitam apenas nas quadras poliesportivas. Os Desafios didáticos do Componente Curricular de Educação Física, vão ao encontro disso, procurando organizar o conteúdo de forma a não engessar ou delimitar até onde a Educação Física pode chegar como indicado no texto (FLORIANÓPOLIS, 2016). O que se almeja é a potencialização e a complexificação das formas de trabalhar com a Educação Física nas escolas da Rede.

O 5º tópico refere-se as Considerações sobre práticas no Componente Curricular de Educação Física (Planejamento, metodologia e avaliação), fala que o professor deve saber suas estratégias de organização e planejamento da aula e avaliação. Deve também dar conta de contemplar “o conhecimento da realidade, a formulação de objetivos de ensino e de aprendizagem, a definição de meios e estratégias e de recursos necessários, possíveis, viáveis e disponíveis; e os critérios para a avaliação”. (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 138)

O professor deve se manter atualizado sobre as questões que envolvem a instituição de ensino na qual trabalha e atualizado cientificamente falando, pois na atualidade existem diversos estímulos para os alunos e para conquistar uma aula atrativa o professor se vê obrigado a essa atualização constante.

Nessa mesma direção, é fundamental também identificar o conhecimento e a experiência dos/das estudantes sobre as manifestações da cultura corporal de movimento que integram este Componente Curricular, para, a partir desse reconhecimento, selecionar as práticas corporais mais apropriadas e delimitar os objetivos de ensino e aprendizagem. O interesse e o gosto dos/das estudantes por determinadas manifestações são pontos de apoio relevantes para perspectivar o trabalho pedagógico no âmbito da Educação Física, assim como de outros Componentes Curriculares, mas é preciso considerar que “gosto” e “interesse” não são naturais ou inatos, já que são produzidos social e culturalmente, por meio do contato, da experimentação e do conhecimento,

mas por vezes também do esforço. Limitar as opções ou os sentidos da ação pedagógica ao gosto dos/das estudantes é de alguma forma privá-los da possibilidade de aprender a gostar de outras coisas e a apreciá-las. (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 139)

Sobre os eixos e conceitos relativos ao Componente Curricular de Educação Física o texto indica 3 conceitos básicos: a) que é obrigação da Educação Física, oportunizar experimentações tornando assim a uma infância qualificada; b) Delimitação sistematizada do conteúdo a ser ministrado, porém de uma forma ampliada; c) pensar a Educação Física, por outros olhos conforme indica:

São conhecimentos produzidos em outros campos científicos que também se ocupam de estudar as práticas corporais, campos como Sociologia, Antropologia, História, Saúde coletiva, epidemiologia, Fisiologia, Anatomia, entre outros, os quais, desde suas perspectivas específicas, oferecem conceitos e metodologias que podem ajudar na compreensão de diferentes aspectos (sociais, políticos, econômicos, culturais, anátomo-fisiológicos, epidemiológicos etc.) que configuram as manifestações da cultura corporal de movimento. (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 147)

Ainda cita os 3 eixos de organização: a) a ampliação das possibilidades de movimento dos seres humanos; b) o conhecimento das manifestações sistematizadas da cultura corporal de movimento; e c) a compreensão das estruturas e representações sociais que atravessam o universo dessas manifestações.

Sobre os Objetivos do Componente Curricular de Educação Física por ano escolar, a proposta traz cada componente curricular em forma de tabela e para a montagem dessas tabelas foi levado em conta alguns aspectos. Nota-se a presença das diversas manifestações da cultura corporal de movimento como brincadeiras e jogos, ginásticas, práticas corporais rítmicas, lutas, esportes e práticas corporais alternativas e na natureza. Sobre os esportes “optou-se por organizá-los a partir da lógica interna dos diferentes jogos e modalidades esportivas. A lógica interna dos esportes diz respeito, portanto, aos aspectos peculiares de uma modalidade.” (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 147-148). Essa lógica organizacional deriva de outras propostas curriculares nacionais e estaduais, as quais os autores desse documento, se apoiaram para a produção do mesmo.

Por fim e não menos importante, os objetivos, são pensados com uma complexidade progressiva, ou seja, um conteúdo planejado de forma sistematizada e com uma lógica de retomada do conteúdo estabelecendo também a interdisciplinaridade já apontada acima.

“Nessa direção, para cada objetivo de ensino e aprendizagem está indicado o que se espera para cada ano do Ensino Fundamental, ou seja, qual grau de apropriação do conhecimento é desejável ao final de cada ano de escolarização, considerando a ação docente e o trabalho dos/das estudantes.” (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 148).

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O método adotado para esse estudo foi a pesquisa exploratória e a pesquisa documental. Na pesquisa exploratória deve-se fazer o levantamento documental e bibliográfico do tema a ser estudado, podendo ser utilizadas visitas técnicas para análise do estudo e, conforme explica Gil (1996, p. 16) “[...] têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideais tendo em vista, a formulação de problemas mais preciosos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

Esse método de pesquisa é para ambientar os leitores ao tema, ou seja, dar-lhe uma visão macro de algo que é estudado. Entendemos que esta pesquisa é exploratória a medida que se propõe à “explorar” um tema “novo” no ensino da Educação Física, qual seja, as práticas corporais de aventura. Observamos que no interior da área da Educação física já existem algumas propostas, ainda iniciais e ou em desenvolvimento que envolvem os *esportes* de aventura e *atividades* de aventura na escola. Neste trabalho, analisaremos uma proposta de *práticas corporais* de aventura na escola, o que implica, outras formas de ensino deste conteúdo, a partir dos conceitos de cultura corporal e práticas corporais, já explicados no referencial teórico deste trabalho.

A pesquisa documental é feita a partir de documentos acadêmicos e não acadêmicos, este último se refere a documentos não publicados e que possam realizar contribuições ao tema como, por exemplo, relatórios de pesquisas, relatório de intervenção, projeto de estágio, relato de experiência. Os documentos que este trabalho se propõe a analisar, para que possa fazer uma reflexão mais consistente da proposta de ensino sobre as práticas corporais de aventura, são: a) a Proposta Curricular Municipal de Florianópolis (FLORIANÓPOLIS, 2016), b) Roteiro: relato sobre o planejamento (WERLE, BONORA e PEREIRA, 2016) e c) Plano de unidade de conteúdo (WERLE, BONORA e PEREIRA, 2016).

Cursando o Estágio supervisionado em Educação Física II, a partir do meu tema de intervenção e meu envolvimento com os PCA's, fui convidado para participar do Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea, o qual possui uma ligação com a RMEF - Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (SC) que estava passando por um processo de reformulação de sua PCM - Proposta Curricular Municipal. A proposta deste envolvimento

era colaborarmos com o trabalho de formação continuada da RMEF onde faríamos um planejamento de uma unidade de conteúdo e posteriormente faríamos uma oficina com os professores da rede.

Para isso elegemos alguns conteúdos que poderiam ser trabalhados nestas oficinas, e nos dividimos em grupos para organizá-las. Envolvi-me no grupo que organizou o planejamento que teve como tema práticas corporais alternativas e na natureza. Este grupo era formado por mim, o professor Júlio e a professora Verônica. Para a organização da oficina, foi pensada uma parte teórica e outra prática, a qual o Júlio e a Verônica apresentaram questões envolvendo reflexões com práticas corporais relacionadas com pranchas e eu e a Verônica apresentamos as relacionadas com cordas.

Esse planejamento se deu com a análise do documento da Proposta Curricular Municipal de Florianópolis (PCMF) em sua versão preliminar, análise da literatura específica de nossa atuação e elaboração de um roteiro contendo relato sobre o planejamento, elaboração de uma unidade de conteúdo para a faixa etária do 7º ano, com 3 períodos semanais por 3 semanas (9 períodos de aula total) mais uma saída pedagógica. Isso foi feito levando em consideração objetivos específicos, estratégias metodológicas e avaliação.

A apresentação dessa Unidade de Conteúdo, foi feita para o Núcleo de Estudos e Educação Sociedade Contemporânea com posterior correção de alguns pontos. Também foi elaborada uma oficina que seria ministrada para os professores que atuam na rede municipal, com o foco de oferecer possibilidades reais, levando em consideração limitação de espaços físicos, limitação de verba, adaptação de instrumentos operacionais específicos das modalidades de skate e práticas com cordas (adaptações sem perder qualidade e segurança.).

A execução da oficina foi feita em 2 dias e dividida em 2 partes. A 1ª parte, pela manhã, houve reflexões teóricas e apresentação do conteúdo planejado com breves debates sobre a vivência dos participantes e derivações das modalidades. A 2ª parte foi o conteúdo de forma prática, apresentando possibilidades e ferramentas técnicas e materiais.

De forma mais ampliada posso dizer que a construção do presente trabalho é reflexo de 3 tempos/espaços fundamentais da minha formação inicial, que envolvem ensino, pesquisa e extensão. No que se refere a ensino posso apontar o estágio supervisionado em Educação Física II, no qual desenvolvi uma proposta pedagógica sobre práticas corporais de aventura para alunos da educação infantil. Já na Extensão, considero a participação no processo de elaboração e realização da oficina ministrada no trabalho de formação continuada da rede municipal de Florianópolis. E por último, finalizando o tripé que sustenta a formação universitária, desenvolvo esta pesquisa com o trabalho de conclusão de curso (TCC). Um formato que pode

servir de incentivo aos demais acadêmicos e que pode dar uma riqueza no processo de ensino-aprendizagem, tornando assim o trabalho de conclusão de curso mais denso, pelo menos no ponto de vista do graduando, e que possa proporcionar múltiplas experiências como foi no meu caso.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

6.1. A CONSTRUÇÃO DAS UNIDADES DE CONTEÚDO SOBRE PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA.

Iniciamos o planejamento das Unidades de Conteúdo e das oficinas teórico-práticas realizadas para os professores do município com debates dentro do Núcleo de Pesquisa, Educação e Sociedade Contemporânea sobre a versão preliminar da Proposta Curricular Municipal de Florianópolis (PCMF), logo em seguida os participantes fizeram uma análise documental da PCMF e outros textos de apoio.

A partir das reflexões e das experiências dos integrantes do grupo, selecionamos temas a partir dos conteúdos previstos e indicados na PCMF: brincadeiras, jogos, danças, práticas corporais rítmicas, lutas, esportes, ginásticas e práticas corporais alternativas e na natureza. Minha entrada neste processo ocorreu após todos os grupos serem definidos e por meio do convite do professor Jaison José Bassani a partir do estágio II, em que desenvolvi aulas sobre o tema esporte de aventura e na natureza e suas possibilidades no ambiente escolar. O convite do professor foi para integrar o grupo composto pela Verônica Werle e Julio Gabriel de Sá Pereira (ambos já apresentados) que optou por desenvolver o trabalho com as práticas corporais alternativas e na natureza e dentro desse conteúdo selecionaram as práticas corporais de aventura.

Nosso planejamento iniciou com algumas questões: como trabalhar com as práticas corporais de aventura a partir de uma visão sociocultural de movimento? Como selecionar os conteúdos dentro de um universo tão grande de práticas de aventura? Como realizar a transposição didática daquilo que vemos nas mídias para aquilo que queremos dentro da escola, ou seja, como transformar modalidades esportivas em objeto de educação? Junto a estas questões, uma das maiores preocupações era fornecer possibilidades reais aos professores, a partir das quais os mesmos conseguissem substituir materiais caros por materiais mais baratos e sem perder a qualidade ou que contemplem exigências mínimas de segurança.

Com esses grandes desafios elaboramos um documento nomeado *Relato sobre o planejamento* onde apresentamos questões teóricas que nortearam o planejamento propriamente

dito (ANEXO 1). Neste documento, por exemplo, comparamos os esportes ou as práticas de aventura com as atividades trabalhistas ou de sobrevivência fazendo essa analogia entre estes dois mundos. O que é aventura, por exemplo, para um praticante do rapel e para um limpador predial? Ou então, o que é aventura para um guia de rafting e para um índio que tem que descer corredeiras para pescar ou se deslocar? Perguntas como essas cercam nosso trabalho a todo momento.

Aqui, lembramos que o conceito positivado de aventura é próprio da contemporaneidade, só a partir do momento em que os riscos em escalar uma montanha ou descer as corredeiras em um bote podem ser controlados por equipamentos de segurança é que podemos realizar a prática como uma aventura, do modo como hoje a entendemos. (WERLE, BONORA e PEREIRA, 2016, p. 2)

Outro aspecto interessante e que vale ser lembrado foi o fato de entendermos que as PCA's quebram um pouco com esse paradigma da competição, do rendimento, características de uma herança ou vestígios de uma formação esportivizada como aponta o estudo a seguir.

A Educação Física escolar, a atividade esportiva como um dos instrumentos educativos para se atingir os objetivos de formação integral do sujeito, foi substituída pelo Esporte de alto rendimento, com seus métodos, valores e fins institucionalizados, um Esporte de bases científico-tecnológicas, fruto da evolução das áreas de Fisiologia do Esforço e do Treinamento esportivo, sendo esta associação considerada como uma forma de desenvolvimento, de progresso da própria área de conhecimento a Educação Física.” (MELO e BEREOFF, 2016, p. 33).

As PCA's tentam quebrar esse conceito, pois são práticas que remetem a questão da superação dos limites individuais, uma prática que por si só já carrega esse estereótipo e tem o poder de resinificar outras.

O aparecimento e a difusão de esportes, cuja prática se constitui de aventura e de risco calculado, seja na natureza ou em zonas urbanas, reorganizou o sistema de esportes, ocasionando uma renovação simbólica e de signos que constituíam o imaginário esportivo de determinada época. Próprios da contemporaneidade, adotam princípios de singularidades individuais na busca de qualidade de vida, de sensibilidade, proclamando o indivíduo e o seu direito de se realizar à parte do que é comum, o direito de ser autônomo (COSTA, MARINHO e PASSOS, 2007, p. s189).

Com o *Relato sobre o planejamento* tivemos um amparo científico para elaborarmos uma unidade de conteúdo com o subtema que escolhemos, qual seja: experiências com cordas (onde minha participação foi mais efetiva) e experiências com pranchas. Escolhemos as temáticas *experiências com pranchas e experiências com cordas*, como uma tentativa de não engessar as possibilidades em somente duas modalidades como o skate ou o rapel por exemplo. Escolhendo o conteúdo através do objeto (corda e prancha) podemos pensar bem mais variações como, por

exemplo, pra corda: rapel, tirolesa, falsa baiana, via ferrata. Com as pranchas, o mesmo raciocínio, podemos ampliar para *sandbord*, surfe e skate. O objeto em comum (corda e prancha), trabalhado em diversas modalidades, fornece possibilidades para os alunos realizarem diferenciações e comparações, sobre o tipo de movimento e a natureza das modalidades.

Outro aspecto da escolha destes temas tem a ver com a realidade do bairro Trindade², pensando a intervenção a partir dele, nos perguntamos: quais propostas seriam mais adequadas e quais as propostas seriam possíveis? Essas indagações foram feitas com a lógica de que os colégios do bairro, estão em sua maioria localizadas, em meio aos prédios e casas, sufocando assim suas áreas externas. Apesar desse sufocamento acentuado, espaços como como a pista de Skate Trinda-Times aparece como possibilidade para a prática da Educação Física. O espaço surge e é ressignificado a partir de seus usuários, como por exemplo a quadra de basquete que existia no local. Esta foi sendo modificada até que sua configuração já não fosse mais para a prática do basquete e sim transformada integralmente como um espaço para a prática do skate, em especial a modalidade *street*.

A pista de Skate, está localizado em frente ao Shopping Iguatemi, sendo chamada informalmente de Trinda-Times local onde a prática de skate é reproduzida não só em seu âmbito de movimento ou prática corporal, mas também em seu aspecto social trazendo para o bairro essa cultura do skatista, difundindo assim elementos que tangem a prática do skate como: grafite, vestimentas, tribos (praticantes da modalidade), música (hip-hop e rap). Todos esses elementos, são possibilidades a serem trabalhadas na Educação Física, enriquecendo os conhecimentos que envolvem determinada prática corporal. A partir das possibilidades de trabalhar Skate no bairro Trindade, mas sem restringir em uma só modalidade optamos por desenvolver o conteúdo pensando na experiência do deslizar sob pranchas em diferentes superfícies, como: *sandboard* (deslizar sobre a areia), *surf* (deslizar sobre a água), *snowboard* (deslizar sobre o gelo) e o próprio (deslizar sobre o asfalto).

A escolha pela temática experimentação com cordas, deu-se por ser um material de fácil acesso, econômico, e por ser possível de ser utilizado em praticamente todas as escolas, seja na sua estrutura interna ou em espaços de lazer próximos, que ofereçam estruturas como muros, árvores, alicerces das coberturas de quadras, entre outros. Da mesma forma que a prancha a corda é elemento comum de diversas modalidades e práticas, podendo ser utilizada na posição vertical (*Rapel*, escalada, *bungee jumping*), horizontal (*slackline*, tirolesa, comando *craw*,

² Trindade é um bairro bem central de Florianópolis -SC, onde se encontra a Universidade Federal de Santa Catarina. Não possui praias para banho e é um dos bairros de Florianópolis com mais construções. Conforme o senso de 2010 sua população é de aproximadamente 19 mil pessoas.

preguiça, via ferrata e falsa baiana) e também podendo ser uma mistura de verticais e horizontais como o arvorismo. A escolha do elemento cordas, nos permite trabalhar em suas várias facetas, o rapel por exemplo pode ser: lazer (práticas por diversão), esporte (práticas com cunho competitivo e que possuem regras pré-determinadas), trabalho (atividade em prol do sustento) e educação (possibilidades de experimentações de movimento, conhecimentos sobre os sentidos e significados dessas práticas para diferentes culturas e perceber e expressar sentimentos).

Realizamos as discussões e a elaboração dos materiais em reuniões na Biblioteca Universitária da UFSC – BU onde fomos construindo nosso *Plano de Unidade de Conteúdo*. (ANEXO 1). Elaboramos assim, duas unidades de conteúdo complementares, uma tematizando as *experiências com cordas* e outra as *experiências com pranchas*, sempre retomando a PCMF, especialmente quanto aos eixos, 1º - ampliação das possibilidades de movimento dos seres humanos, 2º - conhecimento das manifestações sistematizadas da cultura corporal de movimento e 3º - compreensão das estruturas e representações sociais que atravessam o universo das manifestações da cultura corporal de movimento e dimensões técnica (saber-fazer), conceitual (saber-sobre), estética (saber-apreciar-e-fruir) e ética (saber-de-si-e-do-outro) dos conteúdos deste componente curricular.

Assim, definimos uma estrutura didática que pudesse fornecer uma sequência interessante para o aluno compreender e vivenciar as *experiências com cordas*, mas que também foi aplicada ao desenvolvimento das *experiências com pranchas* e que pode servir como exemplo para outros conteúdos que o professor pretende desenvolver. Esta estrutura foi organizada em 4 etapas: 1- reconhecimento das práticas de aventura que utilizam cordas, 2- Exploração do objeto corda, 3- Experiências com modalidades específicas e 4- Saída pedagógica, que serão apresentadas a seguir, quando relatamos sobre o planejamento e realização da oficina.

Durante toda a construção do planejamento, apresentamos nosso planejamento ao Núcleo de Estudos e Educação Sociedade Contemporânea, onde foram discutidos alguns pontos e nos eram acrescentadas algumas críticas e sugestões, tendo em vista que todos do Núcleo iriam elaborar um processo parecido com o nosso. Durante o Planejamento e nossas apresentações para o grande grupo a Professora Ana Cristina Richter, uma das integrantes do grupo, fez uma observação, que em nosso planejamento faltava um item que estava contemplado na nova PCMF e que diz respeito as dimensões anátomofisiológicas “(ação resultante de processos físico-químicos realizados pelos sistemas nervoso e músculo esquelético) e física (deslocamento no tempo e no espaço) (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 145). Compreendemos e concordamos com a observação colocada, porém não tínhamos mais tempo hábil para a

modificação, tendo em vista que apresentáramos nossa proposta aos professores dias depois. No entanto reforçamos a importância da observação feita e deixamos como sugestão que a dimensão anatomofisiológica, seja incluída em outras propostas.

6.2. PLANEJAMENTO E REALIZAÇÃO DA OFICINA TEÓRICO-PRÁTICA SOBRE AS UNIDADES DE CONTEÚDOS ELABORADAS.

Após a elaboração do *Relato* e do *Plano de Unidade de Conteúdo* iniciamos uma segunda etapa do trabalho, que foi a elaboração da Oficina. A intervenção em forma de Oficina foi ministrada no segundo semestre de 2016 em dois dias e com 2 grupos distintos de professores, totalizando 37 professores e professoras, todos atuando no Ensino Fundamental, nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Nossa intervenção foi realizada em dois momentos, um momento teórico e outro prático. Na parte teórica da oficina, iniciamos apresentando um pouco sobre os paradigmas das PCA's e seus estereótipos, ou seja, a visão de que tudo que é PCA's é caro e é turismo ou o que a mídia nos apresenta, seja nos megaeventos, como x-games, campeonato mundial de surf ou em canais que abordam o tema como canal *off*, documentários, filmes, reportagens entre outros. Observamos que nestes veículos as PCA's remetem intrinsecamente a um espírito de jovialidade, rendimento (onde só os melhores podem praticar aquelas modalidades). A esse respeito é interessante o que dizem os autores Pimentel e Saito (2010, p.160) "A maior parte da população atenta a esse fenômeno não se afasta dele por ser preconceituosa em relação ao mesmo, mas por entender não se enquadrar nas condições concretas para sua fruição". Os mesmos autores ainda citam outras problemáticas, como as "tímidas" iniciativas de políticas públicas das práticas de aventura e a falta de pressão dos praticantes, para ampliação de possibilidades de aventuras. Hoje no em Santa Catarina não temos muitos espaços gratuitos e públicos para a PCA's e os poucos que temos são particulares e ainda sem muita expressão.

Fizemos reflexões das 4 dimensões, onde procuramos organizar as estratégias metodológicas a fim de facilitar o entendimento e possibilitar que o professor consiga contemplar todas as etapas de seu planejamento, e essas dimensões são: fatores históricos, de mercado, de gênero e relações sociais; dimensão técnica: (Saber-fazer), explicando sobre os conhecimentos técnicos mínimos para ensinar determinada modalidade; dimensão estética (Saber apreciar e fruir), refletindo sobre as experiências e possibilidades de contato estético com a água, o ar e a terra e dimensão ética: (saber-de-si-e-do-outro) ética dos esportes, respeito às normas de segurança, apresentação de que há riscos, porém existe forma de controlá-los, relações sociais e

psicológicas ou melhor dizendo questões inseparáveis às PCA's como: coragem, liderança, trabalho em equipe, confiança, superação, entre outros.

Juntamente com as dimensões, apresentamos a estrutura do nosso conteúdo a partir de quatro etapas: 1- reconhecimento das práticas de aventura, que utilizam cordas, 2- Exploração do objeto corda, 3- Experiências com modalidades específicas e 4- Saída pedagógica.

Iniciamos mostrando aos professores a possibilidade de trabalhar com slides, imagens, vídeos e trabalhar também realidades do bairro, onde estão as escolas, onde pudessem demonstrar fatores comparativos, ou seja, as diferenças entre as modalidades instituídas pela mídia e suas outras faces como comentado acima e também conseguissem resgatar nos alunos experiências anteriores com algumas modalidades, se já tiveram esse tipo de conteúdo na Educação Física, se realmente acham que esse conteúdo deva fazer parte das aulas de Educação Física e claro aproveitando para desconstruir os paradigmas instituídos e já comentados acima de uma atividade que poucos podem praticar.

No item 1- reconhecimento das práticas de aventura, apontamos aspectos introdutórios, onde buscamos saber o conhecimento dos alunos e a partir daí desenvolver o conteúdo propriamente dito, diversas modalidades que utilizam as cordas dentre elas citamos *bungee jumping*, *slackline*, tirolesa, escalada, arvorismo e fizemos uma analogia sobre as de técnicas verticais ou técnicas com cordas, que em sua maioria derivam do militarismo como, por exemplo, falsa baiana, ponte 3 cordas, rapel, comando *craw*³ e preguiça, rapel militar para acesso em combates e rapel de helicóptero. Procuramos fazer uma comparação entre diversas modalidades, procurando mostrar suas várias faces como por exemplo o rapel seu lado militar, o rapel por lazer e o alpinismo industrial (pintura, instalações de ar condicionado, limpeza), falsa baiana tática, para se deslocar em combate de uma margem do rio para a outra rapidamente e a prática do arvorismo em que se utiliza essa técnica para transposição de uma árvore a outra com o intuito de induzir algum sentimento de adrenalina.

No item 2, que se refere à exploração do objeto corda, tentamos focar na aplicação de algumas possibilidades de movimentos que as cordas possibilitam na escola, então começamos com uma parte mais técnica e apresentamos 2 tipos de cordas: as dinâmicas (mais maleáveis, se assim podemos definir) e as estáticas (não maleáveis). Dentro desses dois tipos, demos mais enfoque para as estáticas, pois as técnicas ensinadas não necessitariam de cordas dinâmicas,

³ Comando *craw*, é uma modalidade usada no exército para travessias gerais com cordas, onde consiste em deitar de decúbito ventral na via, onde uma das pernas (geralmente a dominante) fica flexionada por cima da via, dando contato com o dorso do pé (formando um gancho com o dorso do pé) e a outra perna fica estendida ou pendurada para trazer equilíbrio ao movimento.

muito pelo contrário ela nos atrapalharia podendo ceder as amarrações. Dentre as cordas estáticas mostramos a de sisal, polietileno, poliéster, polipropileno, algodão e por fim a que seria nosso foco, a de poliamida. Levamos amostras dos tipos de cordas e os professores puderam sentir pelo tato a diferença entre uma e outra e aprenderam a diferenciar uma corda com “alma” (fios entrelaçados ou torcidos dentro da corda) ou sem “alma”, vale explicar aqui a diferença entre uma e outra. A corda sem alma, quando dobrada ao meio sua curva encosta um lado no outro, já a corda com alma, essa curva fica rígida não conseguindo encostar os lados e essa rigidez se dá pelo núcleo entrelaçado ou torcido como demonstra a imagem abaixo.

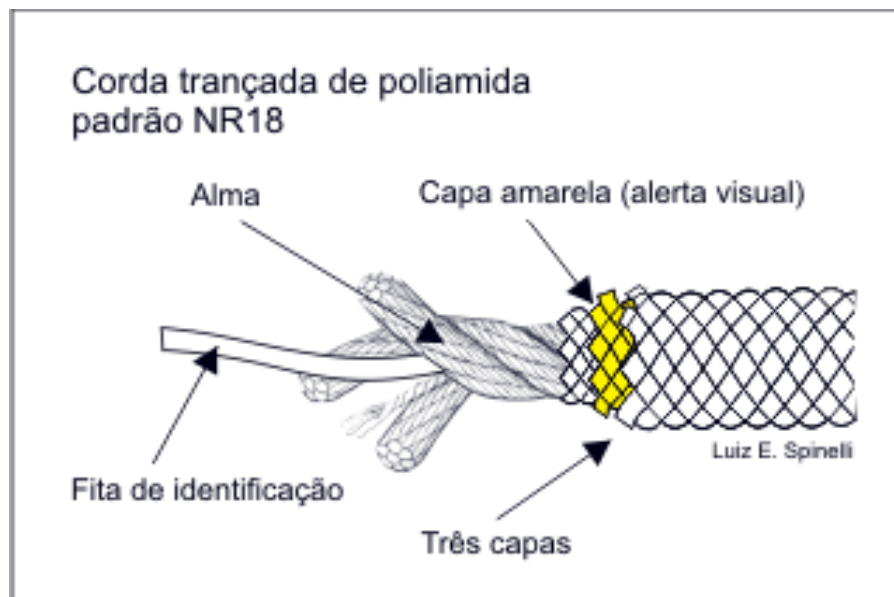


Figura 1 corda com alma - FONTE sócordas.com.br

Além do núcleo entrelaçado como dito, a corda conta com uma homologação, ou seja, certificado por algum órgão competente que no caso das cordas pode ser EN – *European Standard*, CE - Certificação Europeia, UIAA - União Internacional das Associações de Alpinismo ou a que regulamenta a corda em questão a NR 18 MTE - Norma Regulamentadora 18 do Ministério do Trabalho – Portaria nº 13 de 09 de Julho de 2002. Essa certificação se encontra na fita de identificação que fica no interior da alma da corda.

A corda ainda conta com um alerta visual, ou seja, uma segunda capa, abaixo da mais externa e geralmente identificada com cores chamativas diferentes ou que contrastem com a capa externa, esse mecanismo é utilizado quando a corda sofrer algum tipo de abrasão, ser facilmente identificado, sendo necessário manutenção ou substituição do equipamento.

Mostramos essa corda, pois ela pode ser uma grande opção para as práticas com cordas, pois seu custo chega a ser 70% mais barata do valor de cordas de alpinismo e o que muda é somente seu manejo ou seja é um pouco mais difícil de fazer nós e amarrações com rapidez,

porém sua qualidade é a mesma e talvez até superior e seu custo varia normalmente entre R\$2,70 a R\$3,30⁴ o metro, enquanto temos cordas para alpinismo que variam entre R\$8,00 a R\$30,00 o metro, dando plenas condições de acesso à uma instituição de ensino mesmo que públicas.

Continuando o item 2 mostramos alguns equipamentos de segurança como capacetes, cadeirinhas de alpinista, mosquetões, freios, cordeletes (cordas com milimetragem menor que a via, normalmente de 5mm a 7mm), facas, luvas, fitas tubulares (fitas normalmente de poliamida e que são geralmente utilizadas para ancoragem) e comunicadores (rádio, celular entre outros, em casos extremos, até um apito ajuda), todos os equipamento acima citados com exceção dos comunicadores, devem possuir uma homologação⁵.

A ABNT NBR 15502 – Turismo de aventura – Técnicas verticais – Procedimentos, prevê itens mínimos de segurança individual e indica qual NBR ou qual EN que o item deve seguir os padrões:

A operação deve ser realizada utilizando, minimamente, os seguintes equipamentos: a) capacete que não tenha aba, apresente três pontos de fixação, fivela que assegure o fechamento e que atenda aos requisitos da NBR 8221 ou EN 12492; b) cadeirinha de canionismo, escalada ou espeleologia, que atenda aos requisitos da EN 12277. A cadeirinha de espeleologia deve ser fechada por uma malha rápida meia volta de 10 mm de diâmetro; c) auto-seguro⁶, confeccionado de corda dinâmica, de diâmetro mínimo de 9 mm ou de fita que atenda à EN 354, EN 565, EN 566 ou EN 892, de acordo com as respectivas características do material utilizado; d) freio descensor⁷ tipo oito, ou outros com a mesma função, incluindo os do tipo autoblocantes⁸ que atendam à EN 541, conectado com mosquetão com trava que atenda à EN 12275; e) luvas adequadas para a atividade. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2007, p. 17)

Cadeirinhas de alpinista, existem diversos modelos, podemos utilizar usadas, novas nas quais seus valores variam de R\$60,00 a R\$400,00 e através de adaptações com nós e 3 metros de corda podemos até fazer uma cadeirinha com cordas e gastar mais ou menos R\$12,00. No que diz respeito às ferragens (mosquetão e freio), seus valores giram em torno de R\$70,00 o freio tipo 8 e o mosquetão encontramos a R\$20,00, novamente com a adaptação correta de nós, podemos substituir um freio 8 com outro mosquetão (obviamente que sua operacionalização será diferente e outra técnica tenha que ser utilizado). Os demais itens são acessíveis como o

⁴ Preços aplicados em dezembro de 2016.

⁵ Essa homologação deve ser de algum órgão responsável, seja o CE, EN, UIAA.

⁶ Auto-seguro é uma segurança extra que está ligado a cadeirinha e a corda, separado do sistema decensor e que funciona como um *backup* de segurança caso haja alguma ocorrência, pode ser feito com corda ou dispositivos como trava-quedas.

⁷ Decensor é o nome dado para os freios que ajudam a descida, aumentando o atrito da corda com e facilitando o controle de intensidade da descida.

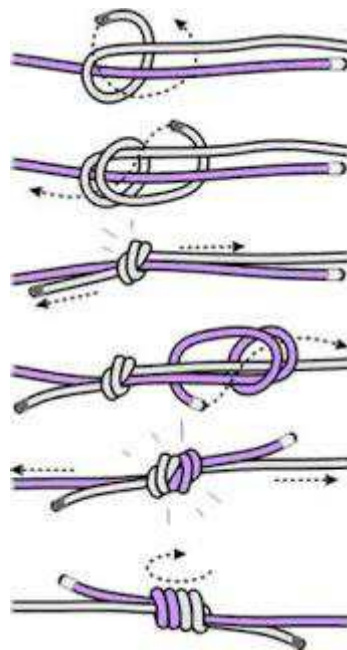
⁸ Autoblocantes um tipo de freio que trava automaticamente, dando assim mais segurança aos praticantes.

caso da fita tubular que gira em torno de R\$4,00 o metro e não é necessário, mais de 4 metros para se montar uma ancoragem⁹, os outros itens são comuns a todas as pessoas suas adaptações, são fáceis de serem pensadas como luva (evitar que a mão queime com o atrito da corda), faca (romper a corda em caso de emergência).

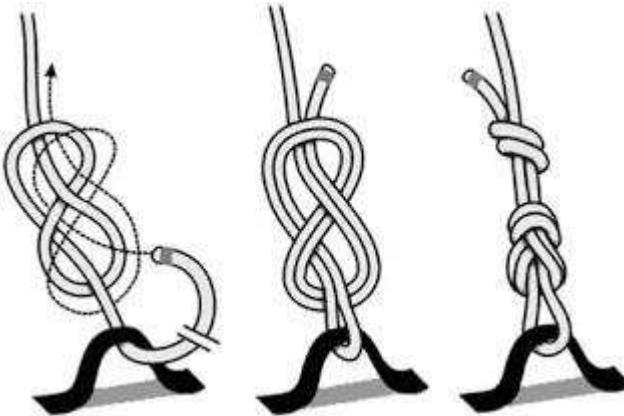
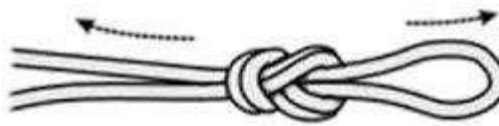
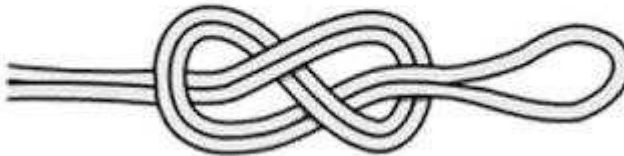
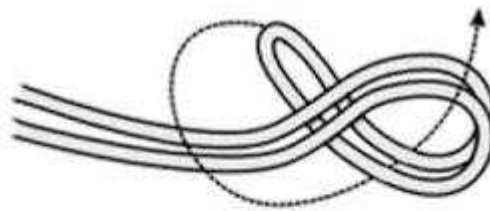
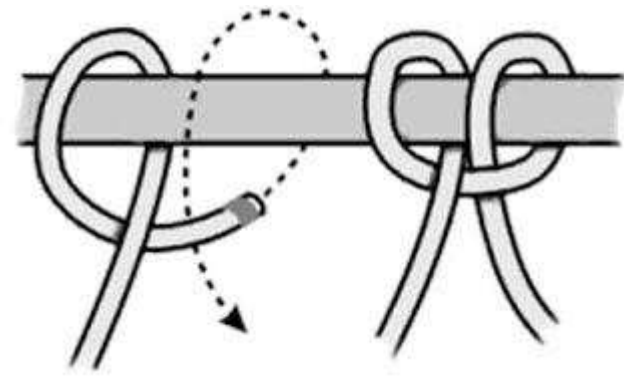
Sobre a comunicação, segundo indica a ABNT NBR 15502 – Turismo de aventura – Técnicas verticais – Procedimentos no item 4.1.5.3:

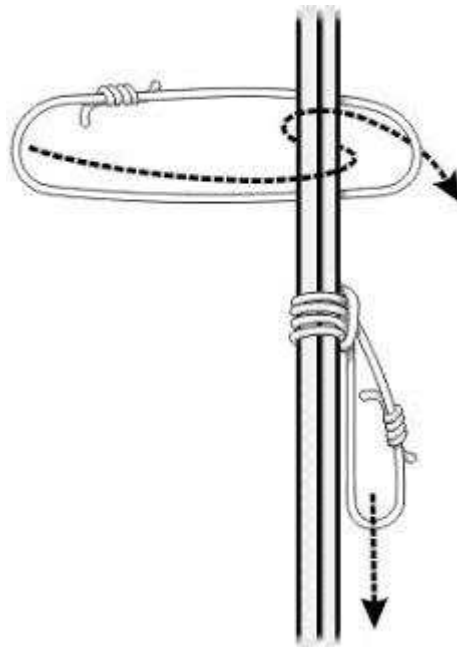
A Comunicação Deve ser assegurada comunicação eficaz entre os condutores, por meio de procedimento de comunicação com o uso de sinais sonoros (como, por exemplo, apito), visuais ou por radiocomunicador, dependendo das características do local, e entre os condutores e os clientes, inclusive quando se incluem grupos de clientes estrangeiros. Os procedimentos de comunicação entre os clientes e os condutores devem ser informados aos clientes previamente à exposição ao risco”. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2007, p. 10)

Demonstramos também de forma rápida os tipos de nós que foram abordados na parte prática: nó pescador duplo, meia volta do fiel, nó 8 simples, nó 8 guiado e o nó *prusik*, todos apresentados através de imagens abaixo e em sequência.



⁹ Ancoragem é local onde se fixa a corda para uma prática vertical, deve ser feito em locais seguros (que suportam uma grande carga de peso) e ser utilizado um equipamento que atendam, requisitos mínimos de segurança.





Continuando o item 2, Experimentação de práticas com usos de cordas, fizemos uma sequência de desafios com os professores, onde o objetivo era demonstrar distintas formas do uso social com cordas e propor outras possibilidades de uso, além de refletir sobre aspectos de segurança e reconhecer os próprios sentimentos e dos colegas em relação ao medo, dúvida, confiança. Desafio 1: Distribuir algumas cordas para grupos de 4 ou 5 alunos. Propor que pensem nas mais várias formas de utilizar a corda em nossa sociedade (seja como esporte, brinquedo, trabalho...nas funções de amarrar, puxar, suspender...) e demonstrem suas ideias para os demais colegas. Desafio 2: Nos mesmos grupos, e com os mesmos materiais, propor que os alunos criem formas diferentes de transportar os colegas de um ponto ao outro, utilizando as cordas. Neste momento, introduzir a importância dos aspectos de segurança necessários às práticas de aventura e a responsabilidade de transportar o colega em segurança.

Ao final conforme indica o Anexo 1 fizemos os mesmos questionamentos para os professores da rede buscando entender um pouco mais das experimentações, sobre as diferentes possibilidades que foram criadas com a corda e suas aproximações ou não com as práticas de aventura que conhecemos. Discutimos as sensações e sentimentos ao “transportarem” e ao serem “transportados”, retomando as ideias de risco e segurança que caracterizam as práticas de aventura atualmente.

Já no item 3- Experiências com modalidades específicas, assim como qualquer conteúdo da educação física, devemos pensar o seu planejamento em uma lógica organizacional de modo que proporcione o entendimento do conteúdo e trate as dimensões que permeiam o processo de ensino aprendizagem de um dado conteúdo bem como a dimensão conceitual, atitudinal e procedimental (COLL, 2000; DARIDO, 2005).

A partir da nossa proposta que era experiências com cordas, escolhemos 3 modalidades para trabalhar nessa unidade de conteúdo e oficina teórico-prática, escolhemos Slackline, Rapel e Escalada. Iniciamos então apresentando o conteúdo da aula de *slackline* e seus objetivos, onde iniciamos apresentando o *slackline* (partes e materiais) e as principais medidas de segurança, propondo assim uma experimentação “livre” para na sequência discutir sobre dificuldades. Desenvolvendo uma sequência didática: a) Fazer um trajeto (reto e sinuoso) com cordas no chão. Primeiro os alunos experimentam e depois o professor mostrando elementos técnicos. b) Construir pontes com tábuas (bancos) apoiada em pneus. Explorar diferentes alturas e larguras (repetir a atividade com quedas sobre colchões: laterais, de frente e de costas), c) Construir um circuito de cordas (falsa baiana dupla (travessia tirolês) e simples) e *slackline*, para experimentação do equilíbrio, das sensações sobre a corda em alturas variadas do chão. As atividades podem ser feitas em duplas, para que um colega possa ser o apoio do outro.

Fizemos um passo a passo da montagem e desmontagem do slackline, dando ênfase na segurança e nos cuidados envolvidos, além da possível queda, como: efetuar backup de segurança para a trava da catraca não soltar e não provocar acidentes, utilizar proteção em volta do local que for fixar o slackline, seja ele **arvore** ou outra estrutura, primeiro para não machucar a árvore e preservar sua casca e segundo para preservar a própria fita em casa de uma superfície de fixação um pouco mais áspera, cuidados esses que aumentam a durabilidade do equipamento e diminuem as chances de acidentes.

Apresentamos o conteúdo da aula de rapel e escalada e seus objetivos. Conversamos sobre os conhecimentos prévios dos professores com aquelas modalidades, apontado situações que já vivenciaram ou presenciaram a prática. Conversamos sobre as diferenças e semelhanças das duas modalidades, bem como das diferenças e semelhanças entre estas e o slackline (vertical/horizontal, equilíbrio/força, alturas, ambientes, funções). A partir daí desenvolver a sequência didática: a) Desenhamos uma parede de escalado no chão (quadra), com estrelas ou outro desenho simulando as garras. Explicamos aos professores que eles deveriam simular uma escalada que seria vertical, porém horizontalmente. Explicamos e demonstramos que serão seguidos os princípios de uma escalada real, portanto, teriam que passar pela parede desenhada, encostando as pontas dos pés e as mãos. Cada membro do corpo só poderá trocar de posição, quando os demais estiverem encostados no chão (mantendo assim sempre 3 apoios em contato do chão).

Apresentamos aos professores algumas amarrações como a falsa baiana e a preguiça, duas atividades que originalmente derivam do militarismo e servem para transposição de

obstáculos como rios, vales, buracos, *canyons*¹⁰, montanhas e outros obstáculos que sejam necessários, a falsa baiana são duas cordas fixas a dois pontos, onde uma fica na altura da cabeça e outra nos pés e quem vai executar a atividade tem que caminhar por sobre a corda de baixo, utilizando a de cima para se equilibrar. Preguiça consiste em fixar uma corda em dois pontos e o executante da atividade utiliza a corda para se pendurar pelas mãos e pelas pernas e vai se deslocando pela corda pendurado, conforme indicam imagens abaixo.



O item 4- Saída pedagógica, tendo em vista que é uma proposição interessante e possível para as escolas, demos sugestões de locais e atividades para realizarmos na saída pedagógica, onde o objetivo é conhecer e refletir sobre a conservação ambiental, os impactos das práticas de aventura na natureza e as responsabilidades dos seus praticantes para com esse meio. Contemplar e fruir o ambiente natural diferenciando-o do ambiente urbano. Apontar diferenças entre ambiente natural e urbano, sendo o natural o um ambiente até então novo, possibilitando assim uma experimentação nova e fora de um ambiente controlado.

Indicamos a todos os professores alguns locais e estratégias para trabalhar o conteúdo, sabemos o quanto é pensamos em locais como Horto, SESC Cacupé, Lagoa do Peri, verificando a possibilidade de desenvolvimento de práticas de aventura. Construir um circuito com cordas e *slackline* (falsa baiana simples e dupla, “bicho preguiça”, subida em um obstáculo com cordas, transposição de algum obstáculo com corda, cama de gato, entre outros que foram trabalhados em aula). Indicamos que antes de começar as atividades do circuito, os professores poderiam

¹⁰ Canyon são paredões, formados por processos erosivos.

solicitar uma visita com o guia ambiental local, de modo que ele pudesse explicar os motivos pelos quais determinada área é preservada, aproveitando assim um gancho para trabalharmos a educação ambiental outro tema que está relacionado às PCA's. Outra possibilidade encontrada seria, aproveitar o local para realizar outras atividades junto a natureza como piquenique e trilha, aproveitando assim para problematizar com os alunos a possibilidade de eles conseguirem prestar mais atenção aos estímulos, bem como as dificuldades para isso no cotidiano.

6.3. LIMITES E POSSIBILIDADES DO PLANEJAMENTO DA UNIDADE DE CONTEÚDO E DO DESENVOLVIMENTO DA OFICINA TEÓRICO-PRÁTICA SOBRE PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA.

Me senti muito animado com a construção da proposta, nosso planejamento se deu de forma bem aberta e nosso trio estava bem coeso, conseguimos chegar á um denominador comum de forma bem saudável. Durante todo o nosso planejamento, enfrentamos uma principal dificuldade que foi a disponibilidade de tempo para construirmos juntos o planejamento, ao todo foram 4 encontros e poderiam ter sido muitos outros se não fosse pela correria do dia a dia e a demanda individual de cada um com seus afazeres cotidianos, eu no final do curso com TCC e trabalhos e a Verônica e o Júlio, com suas entregas de teses de doutorado e mestrado. O número reduzido de encontros foi um fator determinante e culminou que uma pessoa do trio, nesse caso a Verônica absorveu a demanda de organizar o trabalho e gerir nossa organização quanto grupo. Entendemos que se houvessem mais encontros e encontros mais longos, poderíamos ter ampliado o leque de oportunidades e talvez assim enriquecer mais o trabalho apresentado.

Sobre as possibilidades a que mais nos chama a atenção, é que todo o conteúdo conforme indicado acima nesse estudo, foi pensado de forma que qualquer professor da RMEF, pudesse desenvolver, obtendo conhecimentos técnicas, fazendo adaptações de materiais e conhecendo aspectos históricos e culturais de cada unidade de conteúdo, tornando assim, mais palpável e rica a abordagem na escola.

No dia da oficina tivemos uma surpresa bem motivante, os professores que ali estavam, ao contrário do que pensávamos, demonstraram boa receptividade ao conteúdo e estavam muito interessados pelo assunto ministrado e nos encheram de perguntas e contaram muitas histórias, sobre suas experiências com algumas modalidades de aventura, sobre tentativas de aulas, sobre experiências vividas.

Tivemos que deixar algumas de lado e dar continuidade à apresentação do conteúdo, tornando assim o pouco tempo uma limitação para que pudéssemos evoluir nos diálogos e nas trocas de experiências, as quais seriam muito válidas, levando em consideração a trajetória individual de cada um como, por exemplo, uma professora que morava e ministrava aula no bairro Rio Tavares. Esta professora nos contou durante a parte teórica da oficina que o skate no Rio Tavares era muito praticado pelos alunos, praticamente todo mundo por ali tem um skate ou já praticou a modalidade, fato esse que se deve pelo Skatista Pedro Barros que mora no bairro e também pelas diversas pistas da região como, por exemplo, a *Hi Adventure* e *Red Bull Skate Generation*. Outro fato que não conseguimos continuar a nos aprofundar nas experiências individuais de cada um, foi com o professor que tinha servido o exército e já sabia muita coisa sobre as práticas com cordas, porém novamente tivemos que tentar reduzir o tempo de diálogo e procurar continuar o conteúdo.

Durante a Oficina tivemos alguns acontecimentos que achamos importante resgatar aqui, Todas as escolas da Rede Municipal tinham recebido naquele mesmo semestre, 1 slackline, porém nem todos os professores sabiam utilizar. Durante a montagem do slackline na parte prática da oficina os professores ficaram muito atentos e em volta da montagem, realmente anotando um passo a passo da montagem, identificamos uma possível falha ou um possível ponto a ser levado em consideração.

A RMEF forneceu um equipamento aos professores sem oferecer um treinamento para os mesmos ou estabelecer um padrão de montagem visando a segurança dos alunos e do próprio professor, uma das professoras chegou a me ligar dias após a oficina perguntando como ela conseguiria desmontar o *slackline* (ela tinha montado, feito a atividade e não conseguia desmontar), porém essa iniciativa da RMEF não tem só parte negativa, estão, no mínimo, estimulando os professores a utilizarem novas ferramentas motrizes e estimulando, mesmo que indiretamente a capacitação autônoma dos professores. O estudo de Costa (2015) fala um pouco das intencionalidades de compras dos equipamentos:

A escolha dos equipamentos que serão disponibilizados na escola, seja qual for a finalidade, carrega em si uma intencionalidade pedagógica, mesmo que não de forma refletida. No entanto, como discutimos a partir de Escolano, essa demanda administrativa (neste caso, a forma de aquisição, por licitação) produz uma forma de racionalidade no momento em que se concretiza nos equipamentos a que os estudantes acessam (COSTA, 2015, p. 95).

O mesmo problema aconteceu com as cordas, os professores tinham algumas cordas nas escolas, porém ficavam encostadas ou eram utilizadas para amarrar alguma coisa ou pular, pois não sabiam dar nós específicos, tornando assim a prática impossível. Muitos acreditavam que

os equipamentos eram caros e com as opções apresentadas na oficina, entenderam como selecionar um equipamento acessível e de qualidade. Algumas escolas, não possuem uma estrutura que atenda de forma mínima a Educação Física, porém, ao longo da oficina demos diversas possibilidades em ambientes sem estrutura e podendo ser aplicado até em dias de chuva. As alternativas de saída pedagógica eram acessíveis e gratuitas como Horto Florestal, Hotel Sesc Cacupé, praia entre outros.

Durante a Oficina identificamos que a RMEF oferece algumas alternativas, porém muitos professores não a utilizam, talvez por desconhecimento ou talvez por achar que não terá uma resposta positiva. Mas o fato é que a RMEF consegue disponibilizar ônibus para as saídas, claro que com um planejamento antecipado e organizado e consegue alguns equipamentos, claro que não todos, porém com a apresentação de um projeto, justificando a compra de um determinado equipamento, o professor da rede pode conseguir.

Um fato que utilizo como parâmetro para avaliar se conseguimos fornecer um leque de oportunidades, foi uma das professoras que estavam na oficina, me ligar e perguntar como que desmontava o slackline. A RMEF tinha dado um slackline para a escola onde ela trabalha, porém estava encostado em um canto, embalado, pois ninguém sabia montar. A professora montou o slackline a partir das indicações que demos na oficina, porém como o equipamento é novo e como todo equipamento novo, ainda um pouco duro, ela não conseguiu desmontar e me ligou no meio da aula dela pedindo ajuda, quando consegui resolver por telefone mesmo, dando dicas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esforço que fizemos para trazer à formação continuada, uma proposta de conteúdo, que fosse útil no dia a dia, foi imenso. Porém, sabemos que existem inúmeras dificuldades impostas na trajetória do professor de Educação Física. Todo o tempo o professor tem que se reinventar, se atualizar e procurar algo novo para transformar sua aula em um espaço de oportunidades onde o objeto de Educação Física seja uma ferramenta para o desenvolvimento Físico, Social e Cultural.

Desde o início esperávamos atender as expectativas dos professores e minha intenção, ao final das oficinas, era aplicar um questionário para tentar perceber mais profundamente os limites e possibilidades a partir dos próprios professores da Rede, trazendo uma reflexão sobre o que realmente os docentes acharam e se apropriaram.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 15502 – Turismo de aventura – Técnicas verticais – Procedimentos**. RIO DE JANEIRO. 2007.

BETRÁN, J. O. RUMO A UM NOVO CONCEITO DE ÓCIO ATIVO E TURISMO NA ESPANHA: AS ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA. In: BRUHNS, H. T.; MARINHO, A. **Turismo, Lazer e Natureza**. BARUERI: MANOLE, 2003. p. 182-189.

BRANDÃO, L. ESPORTE DE AÇÃO NOTAS PARA UMA PESQUISA ACADÊMICA. **REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIA DO ESPORTE**, CAMPINAS, v. 32, n. 1, p. 59-73, SET 2010.

COSTA, A. J. D. S. **O ESPAÇO EM ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS DE FLORIANÓPOLIS E SUA IMPLICAÇÃO NAS ESCOLHAS CURRICULARES DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA**. Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFSC. Florianópolis, p. 1-252. 2015.

COSTA, V. L. M.; MARINHO, A.; PASSOS, K. C. M. Esportes de aventura e esportes radicais. **Motriz**, Rio Claro, v. 13, n. 12, p. S188, Mai/Ago 2007.

DIAS, C. A. G.; MELO, V. A.; JUNIOR, E. D. A. OS ESTUDOS DOS ESPORTES NA NATUREZA: DESAFIOS TEÓRICOS E CONCEITUAIS. **REVISTA PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DO DESPORTO**, v. 7, n. 3, p. 358-367, DEZ 2007.

FLORIANÓPOLIS. **PROPOSTA CURRICULAR DA REDE MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS**. PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. FLORIANÓPOLIS, p. 4-280. 2016.

FRANCO, L. C. P.; CAVASINI, R.; DARIDO, S. C. PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA. In: FRANCO, C. P.; CAVASINI, R.; DARIDO, S. C. **PRÁTICAS CORPORAIS E A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO**. MARINGÁ: EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, 2014. Cap. 4, p. 1-138.

GONZÁLEZ, F. ; FENSTERSEIFER, P.. ENTRE O “NÃO MAIS” E O “AINDA NÃO”: PENSANDO SAÍDAS DO NÃO-LUGAR DA EF ESCOLAR I. **Cadernos de Formação RBCE**, Ijuí, v. 1, n. 1, p. 9 - 24, Set 2009.

INÁCIO, H. L. D. D. et al. BASTIDORES DAS PRÁTICAS DE AVENTURA. FLORIANÓPOLIS: NAUEMBLU CIÊNCIA & ARTE, v. 3, 2005. p. 71-87.

MELO, A. E. C.; BEREOFF, P. S. FORMAÇÃO ESPORTIVIZADA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. **Revista Eletrônica Nacional de Educação Física**, Maceió, v. 6, n. 8, p. 27-46, 2016.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, ; PRADO, D. R. Esportes radicais, de aventura e ação: conceitos, classificação e características. **Revista Corpoconsciência**, v. 12, n. 1, p. 18-34, Jan/Jun 2008. Acesso em: 17 maio 2017.

PIMENTEL, G. G. D. A. ESPORTES NA NATUREZA E ATIVIDADES DE AVENTURA: UMA TERMINOLOGIA APORÉTICA. **Brasileira de Ciência do Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 687-700, Jul/Set 2013.

PIMENTEL, G. G. D. A.; SAITO, C. F. Caracterização da demanda potencial por atividades de aventura. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 152-161, Jan/Mar 2010.

PORTELA, A. **O ESPORTE DE AVENTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA: FORMAÇÃO DOS PROFESSORES**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Florianópolis. 2012.

SANTOS, P. M. et al. FORMAÇÃO PROFISSIONAL E PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIAS DE ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA DISCIPLINA DE ESPORTES DE AVENTURA E NA NATUREZA. **REVISTA EDUCAÇÃO FÍSICA/UEM**, MARINGÁ, v. 26, n. 4, p. 29-540, 2015.

UVINHA, R. R. **JUVENTUDE, LAZER E ESPORTES RADICAIS**. 1. ed. BARUERI: MANOLE, 2001.

WERLE, V.; BONORA, D. C.; PEREIRA, G. D. S. **ROTEIRO: RELATO SOBRE O PLANEJAMENTO**. UFSC. Florianópolis, p. 1-9. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Centro de Desportos. Departamento de Educação Física. Programa de Ensino: disciplina Teoria e Metodologia dos Esportes de Aventura. Disponível em: < <http://def.ufsc.br/files/2013/09/DEF-5841-T-M-dos-Esportes-de-Aventura-BEL-LIC.pdf>

COLL, C. Os conteúdos na EFE. In: COLL, C. et al. **Os conteúdos na reforma: ensino aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DARIDO, S.C; RANGEL, I. C. A. **EF no ensino superior: EF na Escola**. Implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FERREIRA, A.B.H. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

ARMBRUST, I.; SILVA, S. A. P. S. Esportes Radicais como conteúdo da Educação Física Escolar. In: *Simpósio Multidisciplinar: Universidade e responsabilidade social*. São Paulo. XVI Simpósio Multidisciplinar da USJT: Universidade responsabilidade social. São Paulo: USJT, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. Editora Atlas SA, 1999

x<<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/aventura/> >. Acesso em 25 set. 2017.

MARINHO, A.; SCHWARTZ, G. M. **Atividades de aventura como conteúdo da educação física: reflexões sobre seu valor educativo**. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires - Año 10, n. 88, set. 2005.

FRANCO, Laercio Claro Pereira et al. ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA: Proposta De Um Conteúdo Na Educação Física Escolar No Ensino Fundamental. **Arquivos em Movimento**, v. 7, n. 2, p. 18-35, 2011.

BRASIL, Lei nº 9.394 de 20/12/1996, Lei das Diretrizes e Bases da Educação.

BRASIL, V. Z.; RAMOS, V.; GODA, C. **A produção científica sobre surf: uma análise a partir das publicações entre 2000-2011**. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 16, n. 3, p. 869-885, jul./set. 2013.

ALBINO, Beatriz Staimbach et al. ACERCA DA VIOLÊNCIA POR MEIO DO FUTEBOL NO ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA: RETRATOS DE UMA PRÁTICA E SEUS DILEMAS. **Pensar A Prática**, [s.l.], v. 11, n. 2, p.139-147, 15 ago. 2008. Universidade Federal de Goiás.

PARLEBÁS, P. **Perspectivas para uma Educacion Física Moderna**. Espanha: Unisport, 1987.

ANEXO

Tabela 1 - UNIDADE DE CONTEÚDO ELABORADO PARA A OFICINA MINISTRADA AOS PROFESSORES DA RMEF

Dados gerais		
Instituição: Escola	Turno: Manhã	Turma 701
Dias/Horários: 3 períodos na semana	Professor/a:	Data/período previsto: (3 semanas/9 períodos + saída pedagógica)
		Ano: 7º ano
		Observação:
UNIDADE: PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA - experiências com as cordas		
Objetivos específicos	Estratégias metodológicas e modos de estruturação da aula [momentos]	Avaliação
<p>Diferenciar práticas de aventura e outras atividades diárias que apesar de serem compostas dos mesmos movimentos e equipamentos possuem outros significados.</p> <p>Refletir sobre os elementos que definem a prática de aventura das demais práticas corporais (risco controlado, vertigem...) e refletir sobre o conceito social de aventura.</p> <p><i>Escutar, discutir, decidir, alterar e acolher</i> o planejamento da unidade em estudo.</p> <p>Identificar práticas de aventura realizadas com cordas e apontar diferenças e semelhanças em relação ao ambiente em que elas podem ser realizadas</p>	<p>Primeiro encontro (1 período)</p> <p>(alunos dispostos a vontade em colchonetes no chão)</p> <p>Contar duas histórias na qual os mesmos movimentos corporais (atividade física) são realizados, porém em uma delas há a ideia de aventura como a conhecemos e em outra não. (ex. índios descendo corredeira para salvarem-se de um ataque e grupos de pessoas praticando <i>rafting</i>).</p> <p>Conversar com os alunos sobre as diferenças e semelhanças das histórias, e mostrar por meio de figuras ou slides outros exemplos que apresentam a diferenciação mencionada anteriormente. Ex. prática do rapel e limpar vidros; subir montanhas e escalada, caminhada e <i>trekking</i>. Questionar quais práticas são consideradas de aventura e por quê. Introduzir as ideias de risco e segurança que caracterizam tais práticas.</p> <p>Apresentar o novo conteúdo e discutir sobre a presença dele na Educação Física: já experimentaram este conteúdo nas aulas de EF? Pensam que o conteúdo deva estar na EF? Por quê? Como ele deve/pode estar nas aulas de EF? (mostrar que as práticas de aventura não podem ser sempre realizadas como vemos na televisão, por exemplo, mas podemos aprender algumas coisas sobre elas: técnicas, movimentos, sensações, matérias/equipamentos, história...)</p> <p>Segundo encontro (2 períodos)</p> <p>Apresentar, em figuras ou slides, práticas corporais de aventura realizadas com cordas, no ambiente urbano e natural. (não antecipar que o elemento central será a corda). Discutir as diferenças e semelhanças em relação ao ambiente, equipamentos....</p> <p>Nomear a partir do conhecimento dos alunos e do professor as práticas de aventura que usam a corda como um dos materiais principais. (<i>bung jump, tirolesa, escalada, rapel, slackline, arvorismo</i>)</p>	<p>O que dizem a respeito das histórias contadas? Quais as diferenças e semelhanças que apontam? O que entendem como aventura? Quais as práticas de aventura que apontam, reconhecem, vivenciaram? Como entendem as práticas corporais que não são consideradas de aventura, mas se assemelham a elas? Que significados possuem?</p> <p>Quais as representações sobre a EF na escola e a relação das práticas de aventura? Que elementos sugerem incluir no planejamento? Como justificam?</p> <p>Quais os elementos são capazes de apontar nas figuras apresentadas? Quais práticas de aventura (ou não) conhecem e que fazem uso de cordas? O que sabem sobre as práticas de aventura apresentadas?</p>

<p><i>Demonstrar</i> distintas formas de uso social com cordas e propor outras possibilidades de uso.</p> <p><i>Refletir</i> sobre os aspectos de segurança e reconhecer os próprios sentimentos e dos colegas em relação ao medo, dúvida, confiança...</p> <p>Observar, caracterizar e experimentar materiais, movimentos e elementos técnicos do <i>slackline</i></p> <p>Experimentar sensações de vertigem (altura) e (des)equilíbrios</p>	<p>Experimentação de práticas com usos de cordas</p> <p>- Desafio 1: Distribuir algumas cordas para grupos de 4 ou 5 alunos. Propor que pensem nas mais variadas formas de utilizar a corda em nossa sociedade (seja como esporte, brinquedo, trabalho...nas funções de amarrar, puxar, suspender...) e demonstrem suas ideias para os demais colegas.</p> <p>- Desafio 2: Nos mesmos grupos, e com os mesmos materiais, propor que os alunos criem formas diferentes de transportar os colegas de um ponto ao outro, utilizando as cordas. Neste momento, introduzir a importância dos aspectos de segurança necessários às práticas de aventura e a responsabilidade de transportar o colega em segurança.</p> <p>Ao final das experimentações conversar coletivamente sobre as diferentes possibilidades que foram criadas e suas aproximações ou não com as práticas de aventura que conhecemos. Discutir as sensações e sentimentos ao “transportarem” e ao serem “transportados”, retomando as ideias de risco e segurança que caracterizam as práticas de aventura atualmente.</p> <p>Terceiro e quarto encontro: SLACKLINE (3 períodos)</p> <p>Apresentar o conteúdo da aula (<i>slackline</i>) e seus objetivos. Conversar sobre os conhecimentos prévios dos alunos com aquela prática, apontando situações que já vivenciaram ou presenciaram a prática.</p> <p>Apresentar o <i>slackline</i> (partes e materiais) e as principais medidas de segurança. Propor experimentação “livre” no <i>slackline</i> com ajuda do colega e sozinho.</p> <p>Discutir coletivamente sobre as dificuldades e facilidades e sensações. Conversar sobre a necessidade de desenvolverem algumas habilidades, como equilíbrio, postura “saber cair”. Explicar que o desenvolvimento das aulas terá como objetivo estas aprendizagens</p> <p>Desenvolver a sequência didática:</p> <p>a) Fazer um trajeto (reto e sinuoso) com cordas no chão, solicitar para alunos passarem sobre as cordas conforme eles imaginam que seja o deslocamento sobre o <i>slackline</i>.</p> <p>Em seguida, professor caminha sobre o trajeto de cordas mostrando para alunos a postura e a distância das passadas para manter o equilíbrio. Solicita para alunos refazerem este deslocamento, seguindo as dicas do professor equilibrando algo sobre a cabeça. (observar flexão de joelhos – centro de equilíbrio baixo, espaçamento da passada, postura ereta com abdômen enrijecido, olhar fixo).</p> <p>Discutir as diferenças (sensações, o que é fácil e difícil, percepções com o corpo) que eles observaram.</p> <p>b) Construir pontes com tábuas (bancos) apoiada em pneus, para simular uma superfície instável. Explorar diferentes alturas e larguras das pontes.</p> <p>(OBS. As pontes podem ser construídas pelos grupos das atividades anteriores, ou pode-se propor que cada grupo desafie os colegas a deslocarem-se sobre as pontes de alguma forma – de joelho, de costas, olhos vendados...)</p> <p>Repetir a atividade com quedas sobre colchões: laterais, de frente e de costas (observar os seguintes cuidados)</p>	<p>Quais os usos sociais da corda os alunos reconhecem e apresentam?</p> <p>Quais formas de uso da corda são capazes de criar e recriar?</p> <p>Reconhecem situações de risco e segurança na atividade realizada? Como percebem a si e aos colegas sobre este aspecto?</p> <p>O que sabem sobre o <i>slackline</i>? Quais locais de prática são capazes de apontar?</p> <p>Quais as principais dificuldades e facilidades? Como os alunos lidam com as suas dificuldades e as dos colegas?</p> <p>Quais possibilidades de movimentos são capazes de recriar? Quais as resistências apresentam em relação ao conteúdo desenvolvido?</p>
---	---	--

<p>Perceber e verbalizar diferentes ações, movimentos, sentimentos, dificuldades...</p> <p><i>Localizar</i> espaços de usos de práticas de aventura com cordas na vizinhança e <i>indicar</i> novos lugares para as práticas</p> <p><i>(Contemplar, fruir</i> o ambiente urbano para posteriormente diferencia-lo do ambiente natural)</p>	<p>Relembrar os elementos técnicos para o equilíbrio no <i>slackline</i>. Repetir a atividade observando estes elementos.</p> <p>c) Construir um circuito de cordas (falsa baiana dupla (travessia tirolês) e simples) e <i>slackline</i>, para experimentação do equilíbrio, das sensações sobre a corda em alturas variadas do chão. As atividades podem ser feitas em duplas, para que um colega possa ser o apoio do outro. Antes de iniciar a atividade, retomar os elementos materiais e técnicos do <i>slackline</i>, além das medidas de segurança.</p> <p>Explicar a tarefa de casa: observar, no trajeto percorrido até a escola, movimentos ou atividades laborais que lembrem as práticas de aventura que utilizam cordas, ou, observar espaços em potencial no qual poderiam ser realizadas práticas com cordas.</p> <p>(OBS: Em algum momento entre estas aulas, professor leva alunos ao pátio e pede alguns minutos de silêncio. Pede para prestarem atenção ao que ouvem, veem, sentem o cheiro e tocam. Em seguida alunos desenham um elemento correspondente a cada sentido. Conversam sobre o que desenharam e observam o que foi desenhado pelos colegas. Professor guarda os desenhos para serem utilizados na saída pedagógica, última atividade relacionados a esta unidade.</p> <p>Quinto e sexto encontro: RAPEL/ESCALADA (3 períodos)</p> <p>Retomar a aula anterior e a tarefa de casa. Discutir coletivamente as observações feitas durante a tarefa de casa enfatizando as diferenças de significados e ambientes entre as atividades/práticas citadas.</p> <p>Apresentar o conteúdo da aula (rapel e escalada) e seus objetivos. Conversar sobre os conhecimentos prévios dos alunos com aquela modalidade, apontado situações que já vivenciaram ou presenciaram a prática. Conversa sobre as diferenças e semelhanças das duas modalidades, bem como das diferenças e semelhanças entre estas e o <i>slackline</i> (vertical/horizontal, equilíbrio/força, alturas, ambientes, funções).</p> <p>Desenvolver a sequência didática:</p> <p>a) Desenhar uma parede de escalado no chão (quadra), com estrelas ou outro desenho simulando as garras. Explicar aos alunos que eles irão simular uma escalada que seria vertical, porém horizontalmente. Explicar e demonstrar que serão seguidos os princípios de uma escalada real, portanto, terão que passar pela parede desenhada, encostando as pontas dos pés e as mãos. Cada membro do corpo só poderá trocar de posição, quando os demais estiverem encostados no chão(mantendo assim sempre 3 apoios em contato do chão). Dividir alunos em grupos e propor que desenhem suas próprias paredes e convidem outros grupos para “escalar”.</p>	<p>Quais os elementos materiais e técnicos sobre a prática do <i>slackline</i> os alunos recordam?</p> <p>Quais os elementos de segurança se recordam e executam? Quais os cuidados e responsabilidade consigo e com o colega praticam?</p> <p>(Quais elementos são capazes de perceber? Quais passam despercebidos? Como alunos respondem a esta atividade?)</p> <p>Quais espaços e situações observaram? Algo foi observado por todos ou por ninguém?</p> <p>O que sabem e vivenciaram sobre as práticas apresentadas? Quais semelhanças e diferenças são capazes de apresentar?</p> <p>Quais as principais dificuldades e facilidades? Como os alunos lidam com as suas dificuldades e as dos colegas?</p>
--	--	---

<p>comparar e diferenciar conceitualmente as práticas de aventura apresentadas durante as aulas</p> <p>Observar, caracterizar e experimentar materiais, movimentos e elementos técnicos do rapel e da escalada.</p> <p>Criar/recriar espaços e movimentos que imitem a escalada</p>	<p>b) Em um plano inclinado (barranco, arquibancadas, escadarias), ancorar (amarrar) uma corda em uma base fixa. Com a corda estendida, alunos devem fazer a travessia de um ponto ao outro, fazendo um semicírculo, o contato é com os pés no chão e sustentando o peso do corpo pela corda.</p> <p>Em seguida, os alunos sobem o plano apoiando os pés no chão e sustentando o peso do corpo pela corda. (utilizar cordas lisas e com nós, com diferentes distancias entre si).</p> <p>Paralelamente a esta atividade: ancorar uma corda em um local alto. Colocar uma cadeira ou objeto que permita os alunos ficarem altos e segurando a corda fazem um movimento de pêndulo, até um local indicado com bambolês. Se for muito alto, colocar colchonetes no ponto de chegada. Variação: utilizar objetos para acertarem enquanto realizam o movimento de pendulo.</p> <p>(OBS. Se a escola tiver equipamentos como mosquetões e freio 8, é possível fazer esta atividade com o movimento de descida, utilizando-se uma cadeira de escalada ou cinto de segurança em altura). Ilustração: https://www.youtube.com/watch?v=-tPU2pMhyJU</p> <p>Antes da saída pedagógica que finalizara esta unidade de ensino, reservar um tempo de aula para explicar aos alunos que eles experimentarão algumas das atividades desenvolvidas no espaço da escola e arredores, em um ambiente diferente, entendido como. Discutir com os alunos os seguintes aspectos: o que é ou não natural? (lembrar do uso indiscriminado da palavra como, por exemplo, sanduíche “natural”); quais as primeiras imagens que pensam quando se fala em natureza? Alguém lembra de furacão, tsunami e temporais quando falamos em natureza? Por quê? Problematicar a natureza romantizada e domesticada, a atribuição de características humanas ela, como “Natureza assassina”, “vingança da Natureza” (SILVA, 2007).</p> <p>Sétimo encontro: Saída pedagógica (uma manhã, ou um dia cfme disponibilidade da escola)</p> <p>Organizar a saída pedagógica para alguma área verde da cidade (Horto, SESC Cacupé, Lagoa do Peri...), verificando a possibilidade de desenvolvimento de práticas de aventura.</p> <p>Construir um circuito de com cordas e slakcline (falsa baiana simples e dupla, “bicho preguiça”, subida em um obstáculo com cordas, transposição de algum obstáculo com corda, cama de gato, entre outros que foram trabalhados em aula). Estas atividades precisam ser previamente combinadas com os responsáveis pelos locais, para que não seja infringida alguma regra ambiental e do próprio espaço.</p> <p>Antes de começar as atividades do circuito, solicitar uma visita com o guia ambiental local, de modo que ele possa explicar os motivos pelos quais determinada área é preservada, apresentar os cuidados com o meio ambiente e juntamente com o professor, discutir se, como e em que medida as práticas de aventura na natureza contribuem ou não com os cuidados com a natureza.</p> <p>Aproveitar as possibilidades do local para realizar outras atividades junto a natureza como piquenique e trilha.</p> <p>Transcorrido metade do tempo disponível à saída, o professor reúne os alunos e repete a atividade relacionada aos sentidos (tato, olfato, visão e audição) que havia desenvolvido em ambiente escolar. Em seguida, devolve os primeiros desenhos para os alunos e discutem</p>	<p>Quais possibilidades de movimentos são capazes de recriar? Quais as resistências apresentam em relação ao conteúdo desenvolvido?</p> <p>Quais as representações, ideias e conceitos de natureza os alunos apresentam?</p> <p>O que compreenderam de novo sobre as representações de natureza?</p> <p>Quais os elementos técnicos, éticos, conceituais e estéticos desenvolvidos ao longo da unidade de ensino os alunos são capazes de verbalizar, exercer ou reconhecer durante a saída pedagógica?</p>
---	---	---

<p>Refletir sobre as representações de natureza e sobre o que é considerado natural e por que.</p> <p><i>Reconhecer e vivenciar</i> as práticas de aventura aprendidas no ambiente natural.</p> <p>Conhecer e refletir sobre a conservação ambiental, os impactos das práticas de aventura na natureza e as responsabilidades dos seus praticantes</p> <p><i>Contemplar, fruir</i> o ambiente natural diferenciando-o do ambiente urbano.</p> <p><i>Apontar</i> diferenças entre ambiente natural e urbano (o primeiro não é construído pelo homem, apesar de ter diferentes representações, oferece maior instabilidade, não pode ser totalmente controlado).</p>	<p>as diferentes percepções que tiveram. O foco é a diferença, as possibilidades diferentes que o ambiente urbano e natural nos oferece, e não qualificar um ou outro ambiente como pior ou melhor. Problematicar com os alunos a possibilidade de eles conseguirem prestar mais atenção aos estímulos, bem como as dificuldades para isso no cotidiano.</p> <p>Avaliação</p> <p>Propor a avaliação final, composta de um trabalho feito em casa com as seguintes questões: Quais práticas de aventura eu conhecia e quais eu conheci durante as aulas? O que aprendi a fazer nas aulas sobre práticas de aventura? O que não aprendi a fazer nas aulas e gostaria de ter aprendido? O que foi mais fácil e mais difícil? O que é preciso lembrar sobre segurança durante as práticas de aventura? O que é esporte de aventura ?</p>	<p><i>Instrumentos de avaliação da unidade de ensino:</i> a) Relatório da tarefa de casa (espaços e usos sociais da corda, incluindo práticas de aventura); b) Trabalho com questões abertas entregue ao final da unidade de ensino; c) relatos e conversas durante as aulas.</p>
--	---	---